

Departamento de Sociologia

**A experiência da leitura e participação digital dentro do grupo
de leitores portugueses no *Goodreads***

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Laura Margarida Bréu Melgão

Orientador:

Professor Doutor Gustavo Cardoso
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Co-orientador:

Professor Emanuel Cameira
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro 2015

Resumo

Esta dissertação teve como finalidade estudar o grupo “Portugal” da rede social *Goodreads*, enquanto comunidade virtual leitora e utilizadora da Internet e dos novos *media*. Procurou-se, através da realização de um inquérito *online*, saber mais sobre os hábitos de leitura, as práticas de utilização das TIC, das redes sociais e as práticas culturais dos seus membros. Para além disso, tentou cruzar-se esta informação de modo a caracterizar os indivíduos em estudo, recorrendo a literatura sobre as práticas de leitura e a migração destas para o plano digital.

Palavras-chave: leitura digital, sociedade em rede, comunidade virtual, redes sociais (virtuais).

Abstract

This dissertation had the purpose of studying the group “Portugal” on the social network Goodreads, as a reading and Internet and new media user virtual community. Through an online questionnaire, the aim was to learn more about the reading habits, the ICT’s and social media using practices, and the cultural habits of the group members. Furthermore, there was an attempt to cross the information in order to characterize the individuals under study, resorting to information regarding reading practices and its migration to the digital environment.

Keywords: digital reading, network society, virtual community, social media.

Índice

1.	INTRODUÇÃO	4
2.	OBJETO DE ESTUDO E ENQUADRAMENTO TEÓRICO	6
2.1.	<i>Goodreads</i>	6
2.2.	Sociedade em rede e impactos da tripla revolução das TIC	7
2.3.	Comunidade virtual e Internet.....	9
2.4.	Os conceitos de livro e leitura.....	11
2.5.	A passagem para o plano digital e o surgimento de novos leitores	14
3.	METODOLOGIA	17
4.	ANÁLISE DO GRUPO “PORTUGAL”	20
4.1.	Análise descritiva geral da atividade do grupo.....	20
4.1.1.	Participação dos membros.....	20
4.1.2.	Perfis, classificações, críticas e comentários: diferenças e semelhanças.....	22
4.1.3.	Delineando perfis	27
4.1.4.	Estrutura e aspetos gerais.....	28
4.2.	Análise estatística dos tópicos de discussão do grupo	30
4.3.	Análise estatística da amostra inquirida	37
5.	CONCLUSÕES	48
6.	BIBLIOGRAFIA	51
	ANEXOS.....	54

1. INTRODUÇÃO

O novo contexto digital tem permitido aos indivíduos um conjunto de novas práticas que antes não eram possíveis, proporcionando, especialmente, uma relação com uma multiplicidade de ecrãs baseada numa crescente mobilidade. Os novos dispositivos oferecem precisamente esta mobilidade, que se encontra “ligada, em rede e é colaborativa” (Cardoso et al., 2012: 1). O advento da Internet, a proliferação do uso do computador pessoal e, particularmente, dos desenvolvimentos no domínio do hipertexto, tem levantado várias questões acerca da leitura do texto eletrónico (Dillon, 1992).

Então, para além de uma revolução digital, assiste-se, igualmente, a uma revolução da leitura neste mesmo contexto: as pessoas atualmente leem através de ecrãs numa base diária, utilizando estes dispositivos de forma recorrente e, conseqüentemente, a Internet, o que nos remete para a questão da leitura digital. Mais do que uma atividade que substitui a leitura impressa, a leitura digital é uma prática cumulativa: se já se lia em papel, alguns leitores agora leem ainda mais no mundo digital (Cardoso et al., 2015).

Os livros tornaram-se num produto cultural massificado, devido às suas propriedades portáteis. Para além disso, são vistos como uma ferramenta utilizada para entretenimento e informação. No entanto, “a complexificação dos contextos digitais” (Cardoso et al., 2012) veio questionar este formato universal.

De facto, o desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), em particular a passagem para uma sociedade de informação, veio alterar significativamente “o modo de pensar a natureza e funções do livro tal como tradicionalmente o temos conhecido” (Furtado, 2007: 9). A estas mudanças está especialmente associada a questão acerca do futuro do livro impresso, ao qual se prognosticou a sua morte ou desaparecimento.

Porém, em discussões mais recentes sobre tal questão, parece que o livro impresso pode estar bem longe de desaparecer: de acordo com um estudo feito pela Nielsen, no primeiro semestre de 2014 as vendas dos livros físicos continuaram a ultrapassar as vendas de *e-books*¹ no Reino Unido, enquanto os adolescentes² ficam atrás dos adultos em termos de aquisição de livros digitais nos Estados Unidos.

No sentido de aliar este novo contexto dos *media* com o panorama da leitura, a presente dissertação, intitulada “A experiência da leitura e participação digital dentro do grupo de leitores portugueses no *Goodreads*”, surgiu. O *Goodreads*, ao constituir-se como uma rede social direcionada para os leitores e todo o universo literário, tornou-se um objeto de estudo pertinente.

¹ <http://goodereader.com/blog/e-book-news/hardcovers-and-paperbacks-still-outselling-ebooks> (Página consultada em janeiro de 2015)

² <http://www.digitalbookworld.com/2014/teen-ebook-buying-lags-discovery-challenges-nielsen-survey/>

Desta forma, esta dissertação pretende ser um estudo de caso sobre o grupo “Portugal” na rede social *Goodreads*, tendo por intuito compreender quais as práticas levadas a cabo pelos membros dentro do grupo, através da análise do teor das discussões, dos comentários e da troca de informações entre eles. Os objetivos desta análise passam por:

- Descobrir qual o nível de participação cultural dentro do grupo “Portugal”, assim como o seu teor em termos de conteúdos partilhados, conteúdos das discussões, etc.;
- Delinear o perfil de alguns membros: descobrir quais os mais e menos ativos, e traçar-lhes um perfil consoante a informação básica da página (sexo, idade, localidade) e as suas respetivas participações no grupo ao longo do tempo;
- Descobrir a quantidade de livros/jornais/revistas/*e-books* que leem, caracterizando-os enquanto leitores;
- Averiguar qual o propósito de aderir ao grupo em questão e qual a utilidade que lhe atribuem;
- Avaliar de que forma os membros experienciam a sua participação digital no grupo, através da leitura digital que fazem da plataforma: se a perceção que têm desta é de fácil utilização, leitura e compreensão.

Partindo destas propostas de análise, a pergunta de partida formula-se neste sentido: de que forma os membros do grupo “Portugal” no *Goodreads* experienciam a leitura digital na plataforma e participam dentro do grupo?

Desta forma, algumas perguntas começam a articular-se.

- Existe, de facto, alguma discussão entre os membros sobre conteúdos literários?
- Qual a utilidade que os membros atribuem ao grupo?
- Será que os membros do grupos que dizem ser leitores assíduos o são, de facto?
- O que levou as pessoas a juntarem-se a este tipo de grupo?

É importante referir que, para os vários objetivos traçados, vão ser usadas técnicas de investigação diferentes que serão descritas mais à frente nesta dissertação. Para os primeiros dois objetivos, pretende-se fazer uma observação direta do grupo, através de captações de ecrã. Para os restantes objetivos, será delineado um inquérito por questionário, que permita, efetivamente, conhecer melhor os membros do estudo de caso e estabelecer relações entre a utilização que estes fazem da plataforma e/ou grupo e os seus interesses, preferências e hábitos considerados de forma mais abrangente.

Posto isto, o presente estudo vai guiar-se, principalmente, pelos seguintes conceitos: sociedade de informação, Tecnologias de Informação e Comunicação, comunidades virtuais, leitura e leitura digital.

2. OBJETO DE ESTUDO E ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1. *Goodreads*

Em primeiro lugar, é necessário definir e descrever a rede social *Goodreads* e o objeto de estudo que é o grupo “Portugal”.

A plataforma *Goodreads* foi lançada em janeiro de 2007, com a missão de “ajudar as pessoas a encontrarem e partilharem livros de que gostam”³. Rapidamente o *Goodreads* se tornou no “maior site para leitores e recomendações de livros”⁴, segundo a própria empresa, que conta com 25 milhões de utilizadores, cerca de 750 mil livros adicionados e 29 milhões de críticas literárias⁵.

Este *site* constitui-se como uma rede social devido às suas funcionalidades de partilha de conteúdos e de interação entre membros. Em primeiro lugar, os utilizadores criam um perfil para se conectarem na plataforma, com a sua informação pessoal e os seus interesses literários. Para além disso, os membros constroem as suas próprias listas de leituras, denominadas “estantes”: as edições dos livros disponíveis no site são catalogadas segundo o interesse do utilizador, que publica informação sobre o livro em questão – se já leu, se está a ler, qual a classificação atribuída ao livro, se quer ler, etc.

Adicionalmente, os utilizadores podem partilhar recomendações de livros e listas de leitura, discutir livros entre si, fazer parte de clubes de leitura, adicionar outros utilizadores como amigos e receber e enviar mensagens privadas. Os grupos formados oferecem ainda um outro conjunto de possibilidades, como participar em votações, publicar informações, eventos, fotos e vídeos.

Sabendo que “the internet and mobile phones have facilitated the reshaping of people’s social networks, enabling them to be larger and more diverse”, assim como têm reconfigurado “the way people use their networks to learn, solve problems, make decisions, and provide support each other” (Rainie e Wellman, 2012: ix, x), é de esperar que o *Goodreads*, sendo igualmente uma plataforma considerada rede social, vá ao encontro destas características. Como menciona a autora Lisa Nakamura:

³ <https://www.goodreads.com/about/us> (Página consultada em dezembro de 2014).

⁴ *Idem*.

⁵ *Ibidem*.

Goodreads (...) offers all the conventions of social networking – an in-box, notifications, and a status ticker. Classified as a social cataloging site, it links promiscuously to other social networks – Facebook, Twitter, Gmail, Yahoo!, and Hotmail – and automatically generates invitations to existing friends on these networks (2013: 4).

Mas se, por um lado, nas redes sociais em geral, se verificam “atividades fáticas de fortalecimento de laços sociais para com amigos e conhecidos (mensagens, serviço de *chat*, alertas de aniversários, escrita no mural, atribuição de um ‘gosto’)” (Cardoso e Lapa, 2015: 321), no *site* em análise tais práticas não se verificam com equivalente frequência. A plataforma *Goodreads* tem antes a si associadas outro tipo de práticas, nomeadamente a partilha de classificação de livros, a criação de grupos com interesses específicos em comum, os comentários nestes grupos e na atividade dos utilizadores, o envolvimento em passatempos, *quizzes* e votações, a partilha de críticas literárias, a criação de listas de leitura, entre muitas outras.

Mais do que uma simples plataforma de rede, o *Goodreads* é uma ferramenta para os leitores interagirem com outros leitores, autores e até editores, na medida em que é oferecido um programa grátis que permite aos autores divulgar o seu trabalho e aos editores promover as suas publicações e os respetivos autores.

Enquanto rede social, a plataforma *Goodreads* permite, dentro destes grupos, a participação direta dos seus membros, através da opção de colocação de tópicos de discussão, vídeos, eventos, fotos, livros, votações e até convites para outras pessoas. Assim sendo, o objetivo é criar comunidades ativas que partilham interesses em comum, dependendo a atividade de cada grupo única e exclusivamente dos seus participantes.

2.2. Sociedade em rede e impactos da tripla revolução das TIC

Sabendo que passámos de uma sociedade industrial para uma sociedade em rede, será necessário, em primeiro lugar, definir este conceito desenvolvido por Manuel Castells. De acordo com o autor, a sociedade em rede é uma sociedade “whose social structure is made of networks powered by microelectronics-based information and communication technology” (Castells, 2004: 3).

No entanto, estas redes sociais não são qualquer tipo de redes, “since social networks have been an important dimension of social life since the origins of humankind” (Wellman e Haythornthwaite, 2002: xx).

Assim sendo, e tendo em conta que se assiste cada vez mais a uma proliferação do uso da Internet, esta constitui-se como uma ferramenta para a construção deste tipo de redes.

Segundo os mesmos autores, “the network is the message, and the Internet is the messenger” (*Idem*: xxi).

Nos últimos anos, tem-se assistido a um grande desenvolvimento das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), nomeadamente da *World Wide Web*. Mais do que profundos desenvolvimentos, “the speed with which the Web has penetrated and influenced society is unprecedented” (Hall, 2011: 651). Para além disso, “its operation is also a testament to the power and reach of networks” (*Idem*). De facto, um dos fatores que torna a Internet tão embutida no nosso quotidiano passa pela sua capacidade em dotar os indivíduos de se conectarem em redes.

Para compreender a forma como os leitores (e não só) utilizam o *site Goodreads* para criar redes e se conectarem entre si, é necessário, em primeiro lugar, analisar os impactos que a denominada tripla revolução das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) tem tido nas vidas dos seus utilizadores.

Rainie e Wellman falam de uma tripla revolução, na medida em que esta acontece a nível das redes sociais, da Internet e dos dispositivos móveis. A primeira “has provided the opportunities – and stresses – for people to reach beyond the world of tight groups” (2012: 11), ou seja, as novas tecnologias têm permitido às pessoas criarem “pontes” de conexão a outros grupos a que, numa base diária, não teriam acesso, tendo contribuído para uma maior diversidade de relações e redes sociais.

A segunda revolução, a nível da Internet, capacitou as pessoas de um poder comunicativo que não possuíam antes, permitindo-lhes ainda colecionar informação variada e produzir os seus próprios conteúdos. A rápida proliferação da Internet conquistou cada vez mais utilizadores, que se tornaram conscientes da importância da nova ferramenta para a configuração das suas redes pessoais. Mas esta difusão decorreu apenas aquando da generalização do computador pessoal e da invenção da *World Wide Web* (Cardoso, 2003). É precisamente esta característica pessoal do computador que veio dar força ao individualismo em rede.

Já a revolução dos dispositivos móveis “has allowed ICTs to become body appendages allowing people to access friends and information at will, wherever they go” (Rainie e Wellman, 2012: 12). Por outro lado, também estas tecnologias se tornaram acessíveis numa base regular, permitindo aos seus utilizadores o contacto constante com os outros na rede. A separação física entre as pessoas, imposta pelo tempo e pelo espaço, deixou de ter tanta importância.

Ainda de acordo com os autores Rainie e Wellman, estas três revoluções “have made possible the new social operating system we call ‘networked individualism’” (*Idem*). Este novo sistema é caracterizado pelo facto de as pessoas se conectarem entre si enquanto indivíduos e não como membros pertencentes a um determinado grupo. Para além disso, a noção de espaço e

tempo que separa as pessoas umas das outras perde a sua importância com a introdução das TIC.

Estas evidências só mostram que estas tecnologias não isolam as pessoas, contrariamente às críticas que têm surgido relativamente a estas questões.

People are not hooked on gadgets – they are hooked on each other. When they go on the internet, they are not isolating themselves. They are conversing with others – be they emailers, bloggers, Facebookers, Wikipedians, or even organizational web posters. When people walk down the street texting on their phones, they are obviously communicating (Rainie e Wellman, 2012: 6).

No entanto, há que reconhecer que a forma como as pessoas interagem entre si mudou bastante. Já não se trata apenas do indivíduo dentro de grupos, mas também do indivíduo com maior espaço de manobra para alcançar mais pessoas, encontrando formas de resolver os seus problemas e ser mais autónomo.

Ainda que este individualismo em rede contribua para uma maior independência dos indivíduos, ele é igualmente exigente: as pessoas necessitam fazer um esforço maior para manter e alimentar as suas relações.

They [people] need to expend effort and sometimes money to maintain their ties near and far; choose whether to phone, visit, or electronically connect with others; remember which members of their network are useful for what sorts of things (including just hanging out); and forge useful alliances among network members who might not previously have known each other (Rainie e Wellman, idem: 9).

2.3. Comunidade virtual e Internet

E porque se pretende estudar um grupo que funciona como uma comunidade virtual, é crucial definir o conceito. De acordo com Gustavo Cardoso, uma comunidade pode descrever-se enquanto um espaço físico que agrupa um conjunto de pessoas que partilham “uma proximidade física” e “um mesmo tipo de governação”; e como um grupo social “em cuja base de formação está a partilha de interesses comuns” (1998: 1). Ainda segundo o autor, “é nesta última definição que se enquadram as chamadas ‘comunidades virtuais’”, uma vez que se referem às comunidades que se desenvolvem no ciberespaço.

Adicionalmente, “the major transformation of sociability in complex societies took place with the substitution of networks for spatial communities as major forms of sociability” (Castells, 2001: 127), sendo estas redes construídas “by the choices and strategies of social actors”, enquanto a noção tradicional de comunidades é baseada “on the sharing of values and social organization” (*Idem*: 27). Portanto, a nova forma de sociabilidade nas sociedades contemporâneas foca-se antes no indivíduo e no designado individualismo em rede, uma vez

que as pessoas se conectam entre si enquanto indivíduos e não como membros pertencentes a um determinado grupo.

Outro autor importante a referir é Barry W. Cull, que define a Internet como “a vehicle for the communication of textual information”. Sendo a Internet “a text-saturated world”, o seu sucesso só poderia ser atingido numa “highly literate society”, defende o autor (Cull, 2011: 1). Assim, a plataforma *Goodreads* pode-se definir igualmente como uma comunidade virtual, agrupando pessoas que possuem um interesse comum num espaço *online*.

É ainda importante salientar que uma rede como esta, que não tem como prioridade ligar pessoas no meio digital mas antes conectar utilizadores que partilhem o mesmo interesse, apresenta diversas taxas de utilização conforme o país. De acordo com um estudo coordenado em 2013 por Gustavo Cardoso, no âmbito do projeto “Leitura Digital”, patrocinado pela Fundação Calouste Gulbenkian, em Portugal assiste-se à predominância do *Facebook* como rede social mais utilizada, sendo o *Goodreads* a plataforma *online* menos utilizada: apenas 4,5 por cento de utilizadores. No entanto, na Índia, o *site Goodreads* constitui-se como o que detém uma maior percentagem de utilizadores: 5,3 por cento.

De acordo com os autores Gustavo Cardoso e Tiago Lapa, estes dados “demonstram que há uma utilização em determinados contextos de relevantes redes sociais regionais nas quais é mais provável a constituição de comunidades *online*” (2015: 319).

O objeto de estudo referido permite a análise das práticas que são levadas a cabo pelos membros do *Goodreads*, no propósito específico da leitura. Destaque-se ainda que a leitura digital vem contribuir, com estas práticas, para os conceitos de comunidade e identidade: “comunidades de leitores, autores, fãs”, presentes na plataforma do *Goodreads*; e “a valorização das práticas de leitura como um elemento de identidade” (Cardoso et al., 2013: 5), que se verifica nesta rede social dirigida apenas para o universo da leitura.

Também José Afonso Furtado menciona as comunidades de leitores, salientando que “por um lado, a leitura não se encontra já inscrita no texto, sem desvio pensável entre o sentido que lhe está atribuído e a interpretação que pode ser feita pelos seus leitores; por outro lado, e como corolário, que um texto só existe porque há um leitor para lhe atribuir um significado” (2000: 217). Assim, “o que une os leitores de modo a torná-los, não uma soma de indivíduos, mas uma comunidade, não são os modos de aquisição, são as modalidades de recepção, são as condições ‘comuns’ de leitura” (Furtado, 2000: 218).

Como já foi referido anteriormente, a massificação destas redes sociais está a mudar a nossa forma de aceder, consumir e partilhar conteúdos. Este facto explica o papel crucial que as práticas de utilização do *Goodreads* desempenham na compreensão da experiência da leitura digital. Se a leitura passou a ser feita num contexto muito mais digitalizado, tal significa que os respetivos dispositivos para a leitura oferecem uma maior variedade de práticas, como a colaboração, a participação e a mobilidade.

Relativamente ao acesso às redes sociais, convém também mencionar que Portugal se encontra muito atrás de outros países em termos de acesso à Internet e, nomeadamente, aos dispositivos, sendo o fosso digital ainda muito acentuado. Tal fica a dever-se, principalmente, a variáveis como a idade avançada da maioria da população e o seu baixo nível de escolaridade, entre outros.

Sendo esta análise focada nos leitores utilizadores da Internet, é necessário referir que estes não se constituem apenas enquanto “processadores solitários de informação” (Cardoso, 1998: 25), sendo igualmente atores sociais que interagem, comunicam e partilham interesses através da comunicação mediada por computador (CMC).

É ainda importante notar que se tem assistido a uma massificação da experiência da Internet, devido, em grande parte, às aquisições e fusões entre os *media* e as telecomunicações (Cardoso, 2006). Para mais, “computer sales continue to rise and more and more people are getting connected to the ‘Net’” (Kollock e Smith, 1999: 3). De facto, tem-se assistido à rápida proliferação do uso da Internet devido à sua capacidade de ligação em rede. “Instead of people talking to machines, computer networks are being used to connect people to people” (*Idem*: 3).

Apesar de muitos autores criticarem as comunidades virtuais, argumentando que estas são um substituto muito pobre das comunidades “verdadeiras”, às quais está inerente a comunicação face-a-face, Barry Wellman e Milena Gulia constatarem que as comunidades *online* não procuram ser nenhum substituto de formas tradicionais de comunicação. Antes pelo contrário, estas comunidades *online* vão ao encontro de muitas definições de qualquer tipo de comunidade.

Desta forma, as comunidades já não se definem apenas em termos de espaço, mas sim em termos de redes sociais. E uma vez que as pessoas *online* tendem a formar relações entre si baseadas nos sentimentos de partilha de interesses e não na partilha de características sócioeconómicas, a Internet é capaz de reforçar e manter os nós existentes nas redes.

2.4. Os conceitos de livro e leitura

Um autor que tem abordado sistematicamente as questões sobre a leitura e o conceito do livro é José Afonso Furtado. Segundo este, “parece claro que o livro continua, passados dois séculos, a ser entendido como a mesma realidade dupla, como bem material e bem espiritual, como um ideal de livro como núcleo da organização, apresentação e transmissão do conhecimento” (2000: 22).

Quanto à leitura, o autor sublinha que esta não é um processo estático, tendo sido alvo de várias transformações e revoluções ao longo dos séculos. Fala-se, então, de uma sociologia da leitura, no “carácter plural da leitura” que está envolvido em diversas práticas.

Em primeiro lugar, ler é uma técnica, mais especificamente, uma técnica de descodificação (...) Em segundo lugar, ler é uma prática social (...) Em terceiro lugar, ler é uma forma de gestualidade (...) o que é certo é que ler é uma actividade sempre associada a uma determinada posição do corpo. (...) Em quarto lugar, ler é uma forma de sabedoria (...) Em quinto lugar, ler é um método e então ler quer dizer 'ler bem' (...) Por fim, ler é uma actividade voluntária (Furtado, 2000: 189, 190).

José Afonso Furtado retrata ainda esta realidade da leitura com as novas tecnologias e com o funcionamento da sociedade em rede, princípio fundamental para abordar as questões da leitura digital. “Na linguagem tão própria de Kittler, o que aconteceu é que se passou da galáxia de Gutenberg para o universo de Edison e mais recentemente para o mundo de Turing. (...) isso significa que, de um modo crescente, os fluxos de elementos que antes estavam confinados aos livros estão a desaparecer em ‘buracos’ ‘negros’ e ‘caixas’ ‘negras’” (Furtado, 2000: 266). A abordagem da sociedade em rede de Manuel Castells, juntamente com as realidades da Internet, da *Web 2.0* e das TIC constituem-se, deste modo, como assuntos incontornáveis na realização desta dissertação.

De acordo com Furtado, as novas tecnologias eletrónicas possuem algumas características que lhes “conferem um indiscutível valor acrescentado” (2000: 362), como a sua versatilidade, a imaterialidade, a capacidade de armazenamento de dados, a rapidez da produção e disseminação de conteúdos, etc.

Tendo em conta que a atividade de ler está a sofrer alterações devido à expansão das novas tecnologias, um dos principais conceitos que emerge é o de leitura digital. A definição deste conceito remete para muito mais do que a leitura de livros: engloba a leitura de *posts* nas redes sociais, *blogues*, *e-mails*, *tweets*, páginas *web* ou jornais e revistas em aplicações.

Neste caso específico do objeto de estudo, o foco vira-se mais para a leitura de livros (quer seja em suporte impresso ou digital). Todavia, a leitura digital no sentido em que se lê e navega numa página *web*, onde igualmente se leem comentários e recomendações de outros utilizadores também se encontra presente dentro do grupo em análise.

De facto, tem-se assistido, com o surgimento da nova sociedade de informação, a mudanças culturais e sociais inerentes às práticas da leitura e do texto como objeto material. Como refere José Afonso Furtado, “o impresso e o livro rivalizam com o ecrã e o livro electrónico” (2007: 91).

Além disso, o texto como o conhecemos, ao qual associamos a prática da leitura em papel (específica da cultura tipográfica, que se encontra enraizada na maneira como percebemos o mundo que nos rodeia), está a sofrer alterações.

Em primeiro lugar, o texto partilha cada vez mais “o seu espaço com componentes não textuais, como imagens e todas as formas de hipo-ícones, sequências de animação, som e funções informáticas” (Furtado, 2007: 93).

Em segundo lugar, o “potencial de significações” (Furtado, 2007: 94) deste novo texto depende sempre do seu suporte, constituindo-se, igualmente, como polissemiótico. Carrega em si “uma tensão entre uma *homogeneidade* e uma *heterogeneidade*: o texto aparece sob uma forma unificada mas contém materiais de uma grande diversidade” (*Idem*: 94).

Por último, e neste aspeto o texto continua a ser igual ao livro, permanece como um “*objecto fabricado*” (Furtado, 2007: 95), isto é, contém em si uma intencionalidade num contexto de produção e *design*.

No entanto, deve “evitar-se a tendência redutora de atribuir as mudanças emergentes exclusivamente à evolução das tecnologias” (Furtado, 2007: 18). Porque, apesar de todos os desenvolvimentos registados (o universo digital, o crescimento da *Web* e a vulgarização do trabalho em rede e em ambientes hipertextuais), estes coexistem, mostrando que as inovações podem resultar de diversas evoluções e podem servir para várias utilizações. Isto é, os efeitos das tecnologias são mediados pelos usos que lhes damos, e variam mediante o contexto em que são utilizadas.

Como sustenta Carla Hesse, “what we are witnessing in the remaking of the ‘modern literary system’ at the end of the twentieth century is not so much a technological revolution (which has already occurred) but the public reinvention of intellectual community in its wake” (*apud* Nunberg, 1996: 29). Ainda que muitos investigadores anunciem a “morte” do livro, muitos outros recusam cingir-se ao determinismo tecnológico. Como afirma Paul Duguid, “I want to argue, however, that there are good reasons beyond either nostalgia or an insurmountable hatred of technology to question the apparent choice between leaping to the new or drowning with the old. If nothing else, futurologists do have a habit of announcing both deaths and births prematurely” (*apud* Nunberg, 1996: 63).

E se nos encontramos mesmo a testemunhar uma nova conceção de leitura, é importante salientar que, acerca das perceções da leitura, o estudo “Leitura Digital” conclui que os utilizadores da Internet associam o prazer sobretudo ao ato de ler em formato impresso (Cardoso e Cameira, 2015). Adicionalmente, o facto de se lerem muitos livros impressos não implica que se lê muito em suporte digital. Mas verifica-se que as pessoas que leem mais digitalmente também leem bastante em papel (Cardoso, 2013).

Quanto às perceções que os portugueses têm sobre a leitura, chegou-se à conclusão de que a leitura digital está mais associada ao trabalho académico e aos manuais técnicos, enquanto a leitura impressa é, sobretudo, percebida como fonte de prazer e entretenimento (Cardoso et al., 2012; Cardoso, 2013).

Como refere José Afonso Furtado, “os livros e a leitura encontram-se inextricavelmente ligados à cultura e à sociedade, e por isso os costumes, necessidades e objetivos sociais e culturais não podem ser nem ignorados nem minimizados” (2007: 48), o que sugere que o livro está longe de desaparecer e ser esquecido. Afinal, “a finalidade do desenvolvimento dos *e-books*

não é a de substituir os livros impressos mas explorar e compreender o que podem oferecer estas novas tecnologias de informação e comunicação no apoio à interação entre as pessoas e o arquivo do conhecimento” (Furtado, 2007: 49).

2.5. A passagem para o plano digital e o surgimento de novos leitores

Como já foi mencionado acima, o advento da Internet veio alterar toda uma sociedade, especialmente no que toca à forma como comunicamos entre nós. Assim, a maneira como lemos os textos e toda a cultura do livro impresso também foram alvo de alterações (Cardoso e Cameira, 2015).

Thanks to the Internet and its medium of digital text accessed via personal computing devices, most people are reading very differently today than they were in the very recent past. While print may not be dead, literate people across societies throughout the world are reading digital screens on a regular basis (Cull, 2011: 1).

De facto, tem-se assistido a uma massificação do texto graças à Internet, e é nas redes sociais onde se verificam mais estas diversas formas de ler. Segundo Cardoso e Cameira, “nas redes sociais lê-se mais, há mais gente a escrever, desencadeiam-se também processos de comentário. Esse fenómeno social cada vez mais significativo e penetrante, que se baseia na rápida circulação dos mais variados tipos de textos, permite assim levantar a hipótese de que as redes sociais abrem as portas para a massificação da leitura digital” (2015: 21).

De acordo com Barry W. Cull, a Internet tornou-se uma ferramenta da sociedade letrada em que vivemos. Além disso, “while the Internet is often conceived of in terms of the transmission of images, video, and music, it remains largely a vehicle for the communication of textual information. The Internet is a text-saturated world. It could only have succeeded in a highly literate society” (Cull, 2011: 1).

Portanto, a par destas novas formas de leitura, encontramos-nos igualmente perante novos leitores. “‘Novos’ porque alguns que liam em papel passaram a ler também em digital, mas também porque certos não leriam em papel e passaram a fazê-lo”, e porque “não lendo necessariamente livros ou jornais, se relacionam com outros formatos, tais como blogues, *tweets*, *e-mails*, *posts* do Facebook” (Cardoso e Cameira, 2015: 268).

Tendo em conta que estamos a abordar a rede social *Goodreads* neste projeto, os trabalhos de Sonia Livingstone sobre a temática da literacia dos *media* (2003), e de Henry Jenkins sobre a cultura participativa e os denominados “espaços de afinidade” (2009), tornam-se pertinentes para a concetualização desta dissertação.

Sonia Livingstone é uma autora incontornável quando se aborda esta temática. De acordo com a autora, “the more that information and communication technologies become central to modern society, the more it is imperative to identify, and to manage the development of the skills and abilities required to use them” (2003: 1).

Neste sentido, e no contexto da rede social *Goodreads*, “media literacy is the ability to access, analyse, evaluate and create messages across a variety of contexts.” (Livingstone, *idem*: 1). De acordo com esta definição, a investigadora baseia-se, assim, em quatro componentes para definir o conceito: acesso, análise, avaliação e criação de conteúdos. A questão do acesso à Internet e às novas tecnologias é essencial para este modelo de literacia, sendo fundamentado pela autora que “given sociodemographic inequalities in material, social and symbolic resources, inequalities in access to online knowledge, communication and participation will continue” (*Idem*: 1).

Relativamente à análise, Livingstone defende que o compromisso dos utilizadores quanto aos *media* depende de um conjunto de competências analíticas (*Ibidem*: 1).

Já a questão da avaliação refere-se ao “julgamento” que fazemos dos processos anteriores do acesso e da análise da informação. Por último, a criação de conteúdos passa pela questão incontornável da *Web 2.0*. O facto de as pessoas deixarem de ser apenas consumidores e tornarem-se também produtores de conteúdos, contribuindo para uma inteligência coletiva, é um fator chave na sociedade em rede.

Nesta passagem para uma sociedade em rede, as redes sociais tornam-se no grande foco dos estudos sobre o impacto da Internet e da *Web 2.0* nas vidas das pessoas. Como afirmam Gustavo Cardoso e Tiago Lapa, existe “mais uma interligação em rede do que uma verdadeira convergência” (2015: 306) destes meios, uma vez que cada vez mais se combina o uso do telemóvel com o computador, ou o *tablet*, “colocando os utilizadores, as suas práticas e as necessárias literacias, uma vez mais, no centro da análise” (2015: 306).

Partindo do pressuposto de que “a maioria dos *sites* apoiam a manutenção de redes sociais pré-existentes, mas outros ajudam estranhos a conectarem-se com base em interesses comuns, opiniões políticas ou atividades” (Cardoso e Lapa, 2015: 309), a plataforma *Goodreads* aplica-se, claramente, no último ponto. Embora apresentando características de uma rede social que dá acesso a outras redes como o *Facebook*, o *Twitter* ou o *Gmail*, o *Goodreads* tem como objetivo conectar indivíduos que partilham um mesmo interesse: a leitura.

Para Nelson Vieira, o conceito de literacia, abrangido à proliferação das novas tecnologias, passou a ser muito mais lato.

A literacia dos media começa agora a prestar atenção ao surgimento da designada WEB 2.0. (...) Efectivamente, os media já não são apenas uma questão de transferência passiva de conteúdos do produtor para o receptor – são interactivos por natureza. (...) Estes dois pontos, especificamente, a interactividade e a capacidade dos indivíduos para produzirem e distribuírem os media, modificaram

fundamentalmente o papel que os media desempenham na sociedade (...) Neste novo ambiente, a necessidade de uma literacia dos media é mais crítica do que nunca (Vieira, 2008: 196/197).

Tendo em conta que as pessoas, atualmente, incorporam no seu quotidiano o uso das novas tecnologias e, nomeadamente, das redes sociais, Amber Buck salienta que estes *sites*, ao fazerem parte das vidas diárias dos indivíduos (especialmente dos jovens), integram ainda o conjunto de práticas de literacia de cada um, influenciando as relações entre as pessoas nos domínios pessoal e profissional. “Everyday literate activity takes place in networked digital environments, which shape their literacy practices and their online and offline lives” (Buck, 2012: 10).

Muito mais do que ler conteúdos e comunicar no *Goodreads*, a literacia digital pressupõe igualmente a utilização desses mesmos por parte dos indivíduos para darem significado ao mundo que os rodeia, fazendo as suas próprias interpretações e transformando-as em conhecimento. Poderá dizer-se que literacia é, no fundo, possuir as capacidades que nos permitirão atuar na sociedade, remetendo para a ideia mais política de participação na esfera pública, desenvolvida por Habermas (1991).

Se a literacia mediática indica também o “estar à vontade com todos os tipos de *media*” (Lopes, 2011: 13), a literacia digital engloba não apenas esse *à vontade*, como também a capacidade de utilizar os dispositivos para seu próprio objetivo. Sendo o *Goodreads* um interface mediático, os seus utilizadores usam-no para seu próprio proveito, no sentido em que transformam os conteúdos que recebem em informação que será igualmente partilhada, num ciclo inesgotável de receção, produção e partilha.

A propósito deste último ponto, Henry Jenkins fala de uma cultura participativa no novo contexto mediático em que vivemos. Este conceito pressupõe a existência da Internet como uma ferramenta que possui poucas (ou nenhuma) barreiras ao envolvimento dos seus utilizadores, assim como à criação e partilha de conteúdos.

Participatory culture is emerging as the culture absorbs and responds to the explosion of new media technologies that make it possible for average consumers to archive, annotate, appropriate, and recirculate media content in powerful new ways. A focus on expanding access to new technologies carries us only so far if we do not also foster the skills and cultural knowledge necessary to deploy those tools toward our own ends (Jenkins et al., 2009: 13).

Adicionalmente, Jenkins e outros autores sustentam que esta nova cultura participativa fornece igualmente novos ambientes de aprendizagem, denominados “espaços de afinidade”. Neles, a idade, a classe, o género e o nível educacional não importam, pois o que liga as pessoas envolventes no meio tem a ver com a possibilidade destas poderem participar mediante as suas capacidades e os seus interesses. Estes espaços, para além de oferecem novas formas de

participação, “allow each participant to feel like an expert while tapping the expertise of others” (Jenkins et al., 2009: 14).

De facto, já há pessoas, e especialmente os jovens, que estão a adquirir as competências necessárias para a compreensão e apropriação das novas tecnologias, nomeadamente através de processos como “afiliações” (adesão a comunidades *online* como o *Facebook*, *MySpace*, fóruns, etc.), “expressões” (produção de novos conteúdos, como *fan fiction* e outros), “resolução de problemas através da colaboração” (trabalhar em grupo para se chegar a um objetivo e ganhar novo conhecimento, como é o caso da *Wikipedia*), e “circulações” (no sentido de moldar a circulação dos *media*, como *podcasting* ou *blogging*).

Concluindo, às práticas de utilização do *Goodreads* estão inerentes, claramente, certos modelos de literacias, como já foi mencionado anteriormente. Para além da literacia dos *media* e da literacia digital, é importante não esquecer que a literacia tradicional como a conhecemos, referente commumente ao conhecimento formalmente ensinado nas escolas, acaba sempre por estar presente. Mas mais do que saber ler, escrever e interpretar, é necessário compreender as tecnologias e os ecrãs com que se trabalha, e saber utilizá-los de acordo com os objetivos de cada um, de forma a tornarmo-nos mais independentes e participativos nas sociedades atuais.

3. METODOLOGIA

Como já foi referido anteriormente, a abordagem escolhida para este estudo compreende os parâmetros de um estudo de caso. Tendo em conta que “the most common use of the term associates the case study with a location, such as a community or organization” (Bryman, 2004: 49), faz todo o sentido adotar este método para analisar a comunidade virtual que é o grupo “Portugal” na rede *Goodreads*.

Adicionalmente, este estudo de caso reúne os parâmetros que se pretendem atingir nos objetivos propostos nesta dissertação, como uma análise mais detalhada sobre o comportamento virtual dos membros do grupo em questão.

The basic case study entails the detailed and intensive analysis of a single case. [...]The emphasis tends to be upon an intensive examination of the setting. There is a tendency to associate case studies with qualitative research, but such an identification is not appropriate. It is certainly true that exponents of the case study design often favour qualitative methods, such as participant observation and unstructured interviewing, because these methods are viewed as particularly helpful in the generation of an intensive, detailed examination of a case (Idem: 48,49).

Assim, está prevista uma abordagem holística recorrendo a uma triangulação de técnicas. Proceder-se-á a uma análise quantitativa detalhada, concebida através da realização de questionários, para além da técnica de observação, em profundidade, do grupo em questão.

De acordo com Robert K. Yin, “a case study allows investigators to focus on a ‘case’ and retain a holistic and real-world perspective – such as in studying individual life cycles, small group behavior, organizational and managerial processes, neighborhood change, school performance, international relations, and the maturation of industries” (2014: 4).

Mais do que isso, um estudo de caso tem como objetivo principal ajudar o investigador a levantar os resultados que advêm dos dados recolhidos em bruto (Obeng, 2015).

Em primeiro lugar, pretende-se fazer uma análise através de observação direta e indireta do grupo “Portugal”. Na medida em que “a observação directa é aquela em que o investigador procede directamente à recolha das informações, sem que haja intervenção dos sujeitos observados” (Quivy e Campenhoudt, 2005: 164), irá recorrer-se a captações de ecrã que ilustrem a atividade dos membros do grupo em análise, assim como o funcionamento e a dinâmica do mesmo. Esta análise irá englobar, numa primeira fase, a estrutura em que o grupo se divide, em termos de tópicos de discussão e o seu funcionamento. Numa segunda fase, proponho-me analisar o nível de atividade dentro de alguns tópicos de discussão, tendo em conta os membros mais ativos e os mais passivos.

Na observação indireta, “o investigador dirige-se ao sujeito para obter a informação procurada. Ao responder às perguntas, o sujeito intervém na produção da informação. Há aqui dois intermediários entre a informação procurada e a obtida: o sujeito inquirido e o instrumento de observação, que é um questionário ou um guia de entrevista” (*Idem*: 164).

De forma a retirar conclusões mais vastas sobre os membros do grupo a ser analisado, este estudo recorrerá à aplicação de um inquérito *online*. As perguntas terão por objetivo apurar informações como os hábitos de leitura, de utilização das TIC e até mesmo as práticas culturais, de forma a poderem caracterizar-se vários tipos de leitores. Além disso, as questões abordam qual o nível de participação nas discussões do grupo em análise, qual o motivo de adesão ao grupo e qual a utilidade do grupo na utilização da plataforma *Goodreads*.

O questionário foi composto maioritariamente por questões fechadas, “onde se apresenta à pessoa uma lista preestabelecida de respostas possíveis dentro das quais lhe pedimos que indique a que melhor corresponde à que deseja dar” (Ghiglione e Matalon, 2005: 115). Além disso, segundo os mesmos autores, as perguntas debruçaram-se sobre os factos, atitudes ou preferências dos inquiridos (2005: 114).

De acordo com Raymond Quivy e Luc Van Campenhoudt, é necessário “conceber um instrumento capaz de produzir todas as informações adequadas e necessárias para testar as hipóteses” (2005: 181). Adicionalmente, “para que este instrumento seja capaz de produzir a informação adequada deverá conter perguntas sobre cada um dos indicadores previamente definidos e formulá-las com um máximo de precisão” (*Idem*: 181).

Como sustentam Rodolphe Ghiglione e Benjamin Matalon, “realizar um inquérito é *interrogar* um determinado número de *indivíduos* tendo em vista uma *generalização*” (2005: 2).

Para além disso, a simples observação, neste caso, não poderia fornecer dados que respondessem às perguntas de partida sobre as atitudes, as preferências ou as representações em que este grupo de pessoas se circunscribe.

Foi também escolhido este instrumento de análise devido ao carácter simples e de baixo custo que um inquérito envolve. “O inquérito pode ser realizado em praticamente qualquer lugar, não são necessários aparelhos complicados, à exceção, por vezes, de um gravador, nem de auxiliares, como em muitas experiências de psicologia social” (Ghiglione e Matalon, 2005: 14).

No geral, a técnica do inquérito por questionário foi adotada devido ao grande objetivo deste estudo de caso, que passa por compreender melhor os indivíduos de uma população específica. “É muito raro podermos estudar exaustivamente uma população, ou seja, inquirir todos os seus membros (...) O problema é escolher um grupo de indivíduos, uma *amostra*, de tal forma que as observações que dele fizermos possam ser generalizadas à totalidade da população; é, portanto, necessário que a amostra apresente características idênticas às da população, isto é, que seja *representativa*” (*Idem*: 29).

Contudo, na seleção da amostragem nesta dissertação, optou-se por se escolher os critérios de uma amostra não aleatória por conveniência, o que não garante a sua representatividade. Esta seleção da amostragem justifica-se porque esta “ocorre quando a participação é voluntária” e “na maioria dos inquéritos disponibilizados na web” (Cabral, 2006: 13), o que, neste estudo em particular, se verifica. Além disso, não existe uma maneira específica e fidedigna de saber de antemão as características da população que irá responder ao inquérito. Uma vez que o inquérito é feito *online* e disponibilizado dentro do grupo em estudo, a participação dos inquiridos é sempre voluntária, o que dificulta a seleção do tipo de amostragem antes de se proceder à análise dos dados em si. Adicionalmente, existe um outro problema inerente às respostas feitas *online*.

When conducting online research, investigators can encounter problems as regards sampling. (...) A number of recent web survey services provide access to certain populations by offering access to email lists generated from other online surveys conducted through the web survey service. (...) However, if the data were self-reported, there is no guarantee that participants from previous surveys provided accurate demographic or characteristics information (Wright, 2006).

Portanto, além da participação voluntária dos utilizadores (que em si pode ser tendenciosa no sentido em que há pessoas que escolhem ignorar o convite para participar no inquérito), e da possibilidade de a informação não ser verdadeira e fidedigna, coloca-se ainda uma outra dificuldade.

Participation in online communities may be sporadic depending on the nature of the group and the individuals involved in discussions. Some people are 'regulars,' who may make daily contributions to discussions, while others only participate intermittently. Furthermore, 'lurkers,' or individuals who read posts but do not send messages, may complete an online survey even though they are not visible to the rest of the community (Idem).

Tal como neste estudo de caso, tal questão impõe-se: os utilizadores que não participam regularmente no grupo podem responder ao inquérito, e até perfazer a totalidade de respostas, o que poderá conduzir a uma amostra tendenciosa.

A desvantagem deste tipo de amostra passa pela não garantia de que possa ser representativa da população em estudo. Todavia, uma vez que não existe forma de tornar a participação no inquérito obrigatória, e dado todos os outros fatores acima mencionados, optou-se por se escolher uma amostra por conveniência.

4. ANÁLISE DO GRUPO “PORTUGAL”

4.1. Análise descritiva geral da atividade do grupo

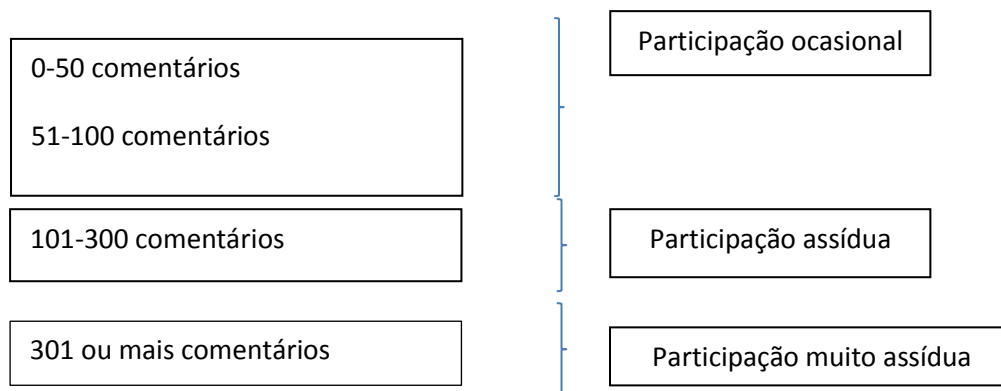
4.1.1. Participação dos membros

O grupo “Portugal” conta com 2 906 membros⁶, que trocam impressões e informações sobre os mais variados temas nesta rede social. Desde novidades sobre novas publicações, pequenos jogos de palavras, discussões sobre géneros literários, escritores, personagens e até dúvidas sobre o funcionamento da própria plataforma, o grupo é bastante dinâmico, contando com atualizações recorrentes.

Adicionalmente, todos eles são leitores portugueses, provenientes de diversos distritos, das mais variadas faixas etárias e com inúmeros interesses diferentes em termos de leituras. Existem ainda dois moderadores no grupo.

No que toca à participação dos membros, existem vários níveis de participação levada a cabo pelos utilizadores do grupo. Esta participação será analisada de acordo com o número de comentários que cada utilizador escreveu dentro do grupo em questão, e que ficou registado na plataforma *Goodreads*. Note-se ainda que este número refere-se aos comentários feitos pelos membros desde a data em que aderiram ao grupo até agora. De forma a facilitar-se a análise deste nível de participação, foi elaborada a seguinte escala para se formarem categorias para cada grupo de membros desta comunidade:

⁶ Número apurado no dia 18 de setembro de 2015, em <https://www.goodreads.com/group/1965-portugal/members>



Assim, os membros que registem entre 0 e 100 comentários, serão apelidados de participativos ocasionais, no sentido em que se envolvem dentro das atividades do grupo, mas de uma forma moderada e que não evidencia um grande interesse e uma participação muito ativa ou assídua. Dentro desta categoria, existem ainda os utilizadores que escrevem entre 0-50 comentários, um número que caracterizam as pessoas que escrevem um ou outro comentário esporádico, sem se envolverem em discussões dentro do grupo; e entre 51-100 comentários, uma secção que caracteriza o tipo de utilizadores que já pode participar em algumas atividades, ainda que não muito assiduamente, e cuja participação continua a ser desinteressada, mais esporádica e ocasional.

Quanto à categoria dos participantes assíduos, definem-se os utilizadores que escrevem entre 101 e 300 comentários, onde já se assiste a uma regularidade tanto na publicação de comentários, como no acesso aos tópicos de discussão. Já existe igualmente um maior envolvimento nas diversas atividades e discussões. Na secção onde os utilizadores escrevem mais de 301 comentários, confirma-se uma participação muito assídua, isto é, onde se verifica uma utilização diária dentro da comunidade *online*. Estes utilizadores, para além de se envolverem nas atividades e discussões promovidas, acompanham o progresso das mesmas numa base regular, respondendo mais do que uma vez num só tópico. Através destas práticas, estes membros contribuem sempre para a dinamização e para o prolongamento das discussões.

Na lista dos membros mais ativos, destacam-se o Utilizador 1, o Utilizador 2 e o Utilizador 3 (um dos moderadores do grupo)⁷, com um total de 847, 696 e 432 comentários dentro do grupo, respetivamente. De acordo com a escala determinada acima, todos estes membros são participantes muito assíduos. Num nível mais abaixo, mas denotando ainda um grau assíduo de participação, evidenciam-se os 17 utilizadores que publicaram entre 100 e 300 comentários.

⁷ Os nomes dos utilizadores foram ocultados, de forma a proteger a identidade das pessoas envolvidas neste estudo.

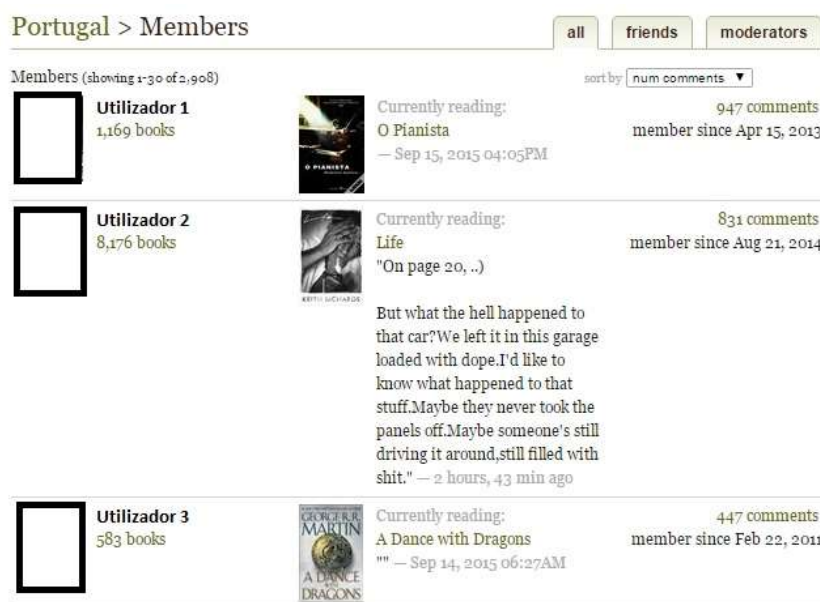


Imagem 1 – Aspeto geral dos membros do grupo “Portugal” com maior número de comentários feitos dentro da comunidade.

Um facto curioso passa pela quantidade de utilizadores que escreveu menos de 10 comentários dentro do grupo: 2 704. Ou seja, estes membros são considerados participantes ocasionais, que escrevem comentários sem qualquer regularidade ou envolvimento ativo dentro do grupo. Já o número de utilizadores que não fez nenhum comentário⁸ na comunidade *online* abrange os 1 960 utilizadores, o que denota que, do total dos 2 906 membros deste grupo, 67 % desta população não participa nas discussões criadas, nem cria ativamente novas discussões e novas formas de participação dentro desta comunidade *online*. Por este motivo, não foi possível selecionarem-se os membros mais passivos do grupo em questão para se proceder a uma análise mais abrangente sobre os mesmos.

4.1.2. Perfis, classificações, críticas e comentários: diferenças e semelhanças

Voltando aos membros mais ativos dentro do grupo, é possível traçar um perfil dos cinco utilizadores que fizeram mais comentários nos tópicos da comunidade “Portugal”. Mas, primeiro, é necessário estabelecer no que consiste este perfil. Olhando para os utilizadores do *Goodreads* dentro da comunidade virtual em estudo, é possível determinar quantos comentários escreveram no grupo, a data em que se inscreveram no grupo e o número de livros adicionados ao perfil (ver imagem 3). Adicionalmente, é possível observar qual o livro que se encontram a ler de momento, e qual a data em que o começaram a ler.

⁸ Consultar Imagem 2 nos Anexos.

Porém, é de notar que este número de livros adicionados corresponde apenas aos volumes que os utilizadores vão adicionando às suas “estantes” como um mero indicativo. Além disso, não há maneira de saber se foram lidos na íntegra ou parcialmente, ou se foram livros adicionados numa altura em que já possuíam conta no *Goodreads*, mas tinham lido o livro num momento bastante anterior. Adicionalmente, este número de livros é apenas redondo, não se fazendo aqui a distinção entre o que foi marcado “lido”, “por ler” ou outras categorias dadas pelos próprios utilizadores nas suas “estantes”. Em relação a estas “estantes virtuais”, Nakamura argumenta: “*Goodreads* efficiently captures the value of our recommendations, social ties, affective networks, and collections of friends and books. *Goodreads* bookshelves are unlike real bookshelves not because the books are not real but because they are not really ours” (2013: 8).

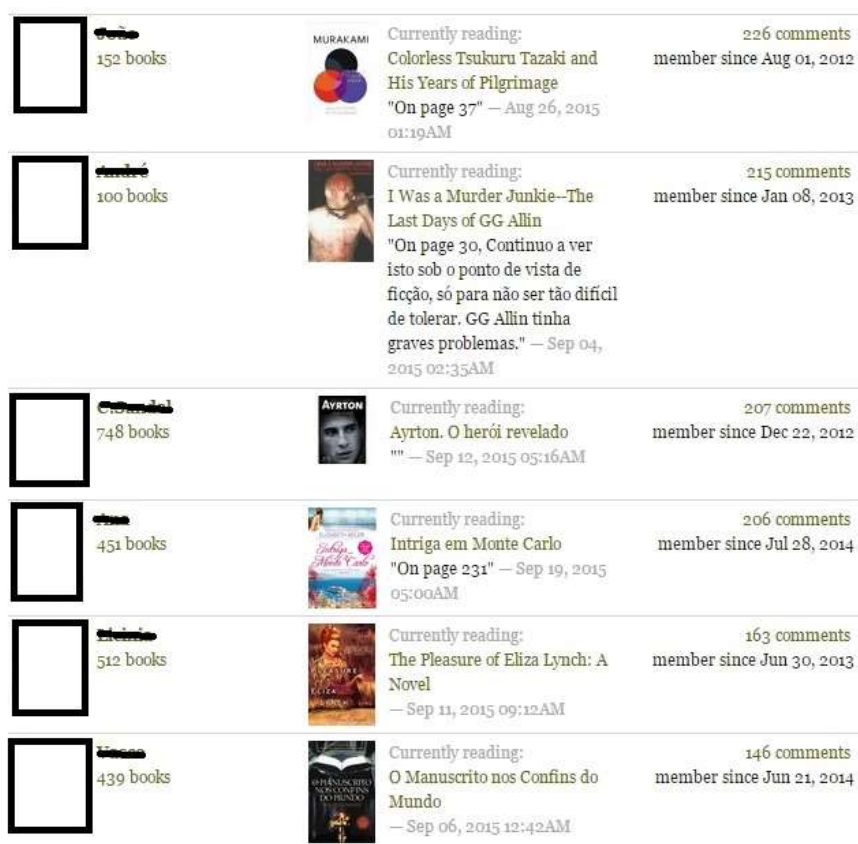


Imagem 3 – Aspeto geral da lista dos membros do grupo “Portugal”, por número de comentários feitos dentro do grupo.

Numa análise mais detalhada, e verificando o perfil do utilizador (consultar imagem 4 nos Anexos), é possível saber toda a sua atividade no *Goodreads*, desde que criou a sua conta, até aos dias de hoje. Tal inclui o número de livros adicionados ao seu perfil (quer estejam marcados como lidos, por ler ou lendo no momento), assim como classificações (*ratings*) e críticas (*reviews*).

Todavia, torna-se necessário definir e distinguir entre classificações e críticas. As classificações que os utilizadores fazem no *Goodreads* definem-se pela atribuição de estrelas

(de 1 a 5) a um determinado livro. Como se vê no exemplo em baixo, ao fazer uma procura de um determinado livro, na página da respetiva obra, são-nos fornecidos vários detalhes, como a sinopse, o autor, as várias edições existentes, o ano de publicação, etc. É importante também ter em conta o aspeto comercial que a plataforma oferece. “The description of each book offers the option to ‘get a copy’ at Barnes and Noble, online bookstores, and libraries (...) By submitting our favorite book titles, readerly habits, ratings, comments, and replies to our social network of readers, we are both collecting and being collected under a new regime of controlled consumerism” (Nakamura, 2013: 6). Além disso, o utilizador que ainda não tenha lido o livro, pode marcá-lo como “por ler”, ao clicar na caixa com a opção “Want to Read”. Se já leu o livro, poderá atribuir-lhe as tais estrelas como classificação, que surgem por baixo da imagem disponível da obra.

The image shows a screenshot of the Goodreads website for the book "O Pianista" by Wladyslaw Szpilman. The page layout includes a search bar at the top, a navigation menu, and a main content area. On the left is the book cover, which features a pianist playing in a dark setting. To the right of the cover is the book's title and author, followed by a star rating of 4.26 and a synopsis in Portuguese. Below the synopsis, there are buttons for "Want to Read" and "Rate this book". A metadata table lists details such as the original title, ISBN, language, characters, setting, and other editions. At the bottom, there are links for "all editions", "add a new edition", and "combine".

original title	Śmierć Miasta
ISBN13	9789722329453
edition language	Portuguese
characters	Wladyslaw Szpilman
setting	Warszawa (Poland)
other editions	(57)

Imagem 5 – Página referente a um livro no *Goodreads*.

Ao fazê-lo, uma caixa de diálogo poderá surgir, se for vontade do utilizador escrever uma crítica ao livro:

O Pianista > Review > Edit

 O Pianista (Paperback)
by Wladyslaw Szpilman
Change edition

My rating: ★★★★★ clear

Bookshelves/Tags: new

What did you think? (some.html is ok) add book/author

hide entire review because of spoilers

Date I finished this book: (set holiday (date))

more options +

(cancel)  

Imagem 6 – Caixa de diálogo para a realização de uma crítica e da classificação de um livro no *Goodreads*.

Nesta opção, é dada ao utilizador a oportunidade de escrever algo sobre o livro, desde uma autêntica crítica literária com várias palavras, ao mais pequeno comentário que ocupa apenas uma linha. Além disso, é facultada a possibilidade de “esconder” a crítica feita se esta contiver *spoilers*, isto é, dados e pormenores que podem contar uma parte fulcral do enredo e, assim, comprometer a leitura do livro para quem ainda não o fez. É ainda dada a opção de partilhar o que foi dito sobre o livro no *Facebook* e no *Twitter*, assim como escolher a data em que terminou de o ler. De acordo com Lisa Nakamura, “[*Goodreads*] users flag reviews that describe book plots in detail as ‘spoilers,’ and individual profiles can be ‘followed,’ à la *Twitter*, so that notices of new postings can be part of the news feed” (2013: 5).

Constantando que uma crítica poderá cingir-se a poucas palavras, é conveniente distinguir e definir qual a diferença entre o aspeto de uma chamada crítica (*review*) e um comentário, seja numa discussão, ou em qualquer atividade levada a cabo por um utilizador.

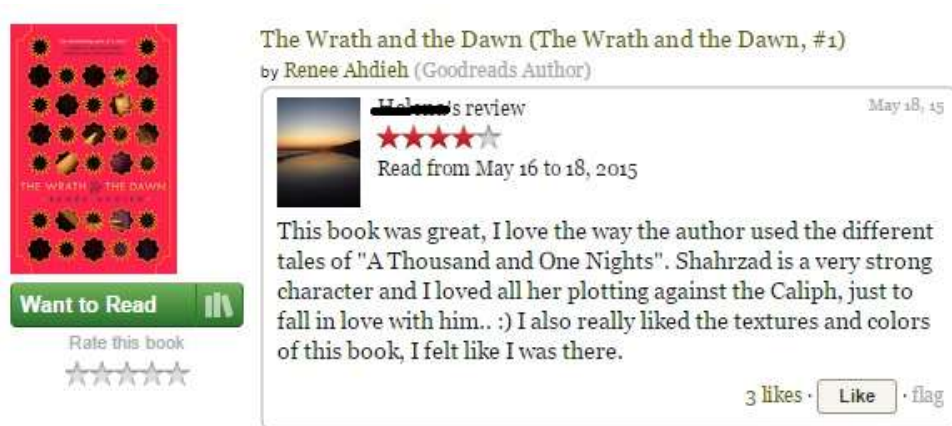


Imagem 7 – Aspeto geral de uma crítica feita por um utilizador no Goodreads.

Como se pode verificar no exemplo acima, as críticas são sempre acompanhadas da classificação feita ao livro (atribuição de estrelas), e acompanhadas da designação própria de “review”. Adicionalmente, a crítica tece sempre uma avaliação sobre um determinado livro, desde o enredo, às personagens, ao autor, ao tipo de escrita, etc. Geralmente é também feita uma apreciação do que se leu, explicando os motivos que levaram o leitor a gostar ou não gostar do livro em questão.

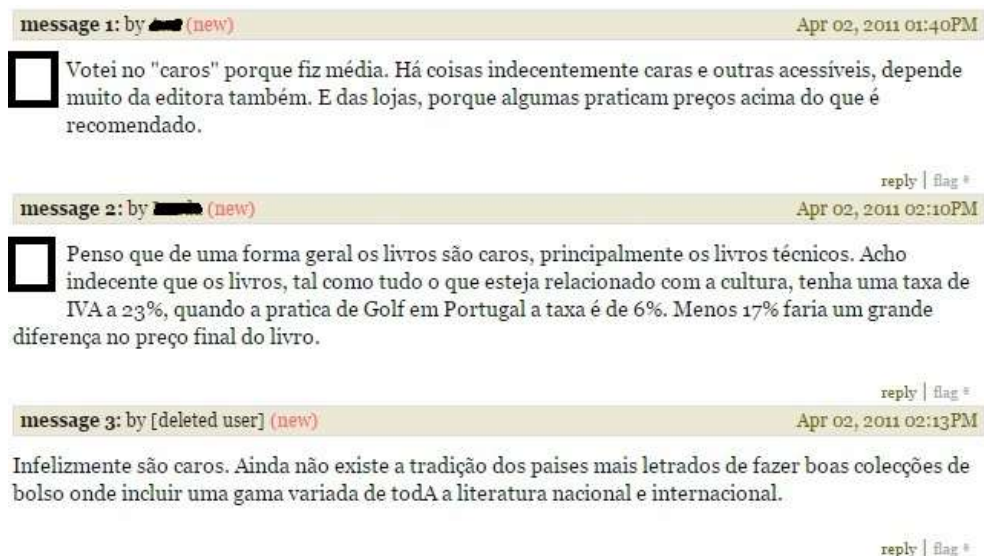


Imagem 8 – Aspeto geral de vários comentários numa discussão do grupo “Portugal”, no Goodreads.

Já o comentário está sempre acompanhado do indicativo “message”, e a opção de responder a esse comentário “reply” é sempre disponibilizada. Além disso, o comentário transparece sempre uma opinião ou argumento sobre determinado assunto, seja ele de carácter literário ou não. Testemunham-se igualmente muitos relatos de experiências pessoais nos comentários, uma vez que o objetivo destes é criar uma “conversa informal” quase física, ainda

que seja feita no plano virtual. Assim, é sempre tido em conta a troca de argumentos e ideias entre pessoas, visando sempre a existência de uma interação social.

4.1.3. Delineando perfis

Traçando o perfil dos cinco utilizadores mais ativos nesta comunidade virtual, retiram-se várias conclusões. Importa aqui realçar que toda esta análise que se segue remete para o percurso dos utilizadores desde que aderiram à rede social *Goodreads*, até aos dias de hoje.

O Utilizador 1 é a única pessoa que não tem disponíveis os seus dados pessoais no perfil, como a idade ou a localidade (ver imagem 4 nos Anexos). Assim, sabemos apenas que é do sexo feminino, que aderiu ao grupo a 15 de abril de 2013, que a última atividade na plataforma *Goodreads* aconteceu no último mês (a última vez que se envolveu em qualquer atividade na plataforma, nem que seja apenas entrar na sua conta *Goodreads*). Em todo o seu percurso nesta rede social, o Utilizador 1 adicionou, no total, 121 livros ao seu perfil (lidos, não lidos, etc.). Conta ainda com 108 classificações feitas a livros, dos quais 36 mereceram uma crítica escrita. Através dos seus dados de perfil apreende-se ainda que o Utilizador 1 participa em várias votações no *Goodreads*, e que se dedica à colocação de “gostos” na atividade dos seus amigos na plataforma. O que quer dizer que a participação deste membro é transversal ao grupo “Portugal”: existe igualmente um envolvimento social com outros utilizadores no *site*.

Quanto ao Utilizador 2, sabe-se que é do sexo masculino, tem 36 anos e aderiu ao grupo a 21 de agosto de 2014. A sua atividade no *Goodreads* resume-se igualmente ao último mês, e apresenta um total de 572 livros adicionados no seu perfil. O seu perfil indica igualmente que atribuiu classificações a 571 livros, e que escreveu 156 críticas. No entanto, tal não significa que este membro tenha lido todos estes livros que adicionou e classificou na plataforma. Denota-se ainda que este utilizador tem adicionadas muitas categorias às suas “estantes” de leitura no perfil, e que se dedica a conversas com outros membros da plataforma em inglês.

O Utilizador 3, também moderador do grupo, é do sexo masculino, tem 34 anos e é de Setúbal. Também a sua última atividade detetada no *Goodreads* se remete ao último mês. Tem adicionados 299 livros ao seu perfil, classificou 302 livros e escreveu 30 críticas. Apreende-se igualmente que tem adicionadas muitas categorias às suas “estantes” de leitura tal como o Utilizador 2, o que sugere que os dois membros se dedicam a uma delimitação de livros lidos por categoria que considerem mais adequada, não se resumindo apenas à categorização já existente que o *Goodreads* oferece por defeito: “read”; “to-read” e “currently reading”⁹.

A atividade do Utilizador 3 também envolve a resposta a vários *quizzes* disponibilizados na plataforma, e produzidos pelos utilizadores. Para além disso, este utilizador gosta de ler e

⁹ Literalmente, em português: “lidos”; “por ler” e “lendo atualmente”.

descobrir novas citações de autores, também estas disponibilizadas no *site*. Tal indica que os utilizadores do *Goodreads* não se limitam apenas a envolver-se em atividades sociais na plataforma, isto é, a comentar a atividade de outros membros e adicionar o máximo de pessoas. Os utilizadores gostam igualmente de se envolver em várias outras funcionalidades do *Goodreads*, especialmente contendo estas vários atrativos de lazer e entretenimento, tais como as outras redes sociais disponíveis. Esta panóplia de atividades disponibilizadas no *Goodreads* sustentam a ideia de Nakamura de que o *slogan* do *site* “reading is more fun when shared”, “emphasizes these and other pleasures of readerly sociality” (2013: 3).

Relativamente ao Utilizador 4, a pessoa mais nova deste pequeno grupo (com 24 anos), apresenta 304 livros adicionados ao perfil, todos eles com uma classificação atribuída, e dos quais 167 fez uma crítica. A atividade deste utilizador também se fica pelo último mês e, tal como o Utilizador 5, é bastante ativo noutros grupos no *Goodreads*. O Utilizador 5 tem 30 anos, é de Lisboa e apresenta, deste pequeno conjunto, a menor quantidade de livros adicionados ao seu perfil: 148, dos quais só a 47 foram atribuídos uma classificação, e 16 mereceram críticas. Uma pequena exceção que se verifica neste utilizador, é que contém no seu perfil uma breve descrição dos seus interesses e de si próprio, o que a maioria dos utilizadores não tem nos seus perfis. Tal poderá sugerir que os membros desta rede social não a utilizam com o mesmo propósito com que utilizam as restantes redes sociais. Ao não mostrar publicamente os seus detalhes pessoais, os utilizadores preferem não se envolver tanto na parte social da rede, mas mais no entretenimento que esta lhes proporciona. “*Goodreads* user profiles feature virtual bookshelves to be displayed to friends, creating a bibliocentric as well as an egocentric network of public reading performance. (...) While *Facebook* offers up our list of friends as visual evidence of our social graph, letting us create and display our connections, *Goodreads* foregrounds reading as a spectacle of collecting [books]” (Nakamura, 2013: 3, 4).

Ainda assim, neste pequeno conjunto de utilizadores mais ativos dentro do grupo “Portugal”, verifica-se que todos eles, de alguma forma, se ocupam de algumas atividades mais sociais, como a participação ativa em vários grupos e o envolvimento em conversas com outros membros, assim como a participação na atividade de outros utilizadores, através de “gostos” e comentários. Contudo, tal facto faz sentido na análise deste conjunto de pessoas, ou não estariam estas categorizadas como mais ativas dentro do grupo “Portugal”.

4.1.4. Estrutura e aspetos gerais

Estruturalmente, o grupo divide o seu quadro de discussões em oito secções distintas: geral, regras, quadro geral, novidades/informações, discussões, divulgação de autores, cantinho aleatório e jogos.

Na secção geral, foram lançados quatro tópicos de discussão, relacionados com dúvidas sobre a plataforma *Goodreads*, sobre a origem geográfica de cada membro do grupo, e sobre alguns géneros literários em português. Já no separador das regras, um dos moderadores publicou um *post* sobre as regras de conduta dentro do grupo em questão. No quadro geral, conversa-se sobre o que cada membro se encontra a ler, assim como o que vai ler de seguida, sobre oferta, troca e venda de livros, e um tópico que convida os membros a partilhar os seus blogues. A secção de novidades/informações é direcionada para informar o grupo sobre variados temas, como feiras de livros, novas editoras, novas publicações e, igualmente, divulgação de blogues.

Quanto ao segmento das discussões, já se assiste a alguma troca de opiniões relativamente a vários assuntos, como o preço dos livros em Portugal, qual o melhor escritor português da atualidade, a leitura em papel *versus* a leitura em digital e um determinado livro. No espaço da divulgação de autores, tal como o nome indica, os membros que são também eles escritores tentam divulgar e apresentar o seu trabalho aos restantes membros. Por fim, o cantinho aleatório e os jogos englobam os mais variados passatempos e jogos de palavras propostos pelos membros, de forma a dinamizar a atividade do grupo.

Dentro do menu principal da página do grupo, existem várias aplicações de consulta, como a “estante” do grupo, as discussões geradas na comunidade, eventos, fotos e vídeos adicionados, assim como as opções de convidar pessoas a juntarem-se ao grupo, de consulta de todos os membros pertencentes à comunidade e ainda as chamadas “sondagens”.

A “estante” do grupo apresenta aos visitantes as leituras atuais do mesmo. Tal indicaria que os membros do grupo se regem pela leitura em comum de um livro, tal como um clube de leitura de características físicas, cuja história e aspetos porventura se discutiriam num dos tópicos de discussão. Contudo, esta leitura em comum não é obrigatória para todos os membros do grupo, sendo voluntária. Por exemplo, o livro *Edge of Eternity*, de Ken Follett, foi selecionado no dia 17 de março de 2015. No entanto, não existem quaisquer publicações de discussão sobre este livro nos conteúdos desta comunidade.

Na “estante” do grupo constam 132 livros adicionados, 4 livros na lista “para ler” e o livro de Ken Follett já mencionado que está a ser lido desde dia 17 de março¹⁰. Qualquer membro pertencente a esta comunidade pode adicionar livros à “estante” da mesma, para além de definir certos detalhes para cada livro, como a data de início de leitura no grupo, a data de fim e qual a pasta em que se insere dentro da “estante”. Os membros que têm adicionado livros ao grupo são variados, mas a Utilizadora 6 (com um perfil público de autora do *Goodreads*) é o membro que se destaca na participação desta funcionalidade oferecida pela plataforma, com mais de 60 livros adicionados.

¹⁰ Dados retirados do grupo “Portugal” no *Goodreads*, a 12 de maio de 2015.

Todavia, este recurso, para além de ser pouco utilizado, não parece suscitar qualquer discussão entre os membros do grupo. Ao contrário do que sugere um grupo de leitura (que se baseia num conjunto de pessoas que leem um livro em comum para, mais tarde, o discutirem), não existem indícios de que os utilizadores da comunidade se envolvem neste tipo de prática. O que poderá indicar que este grupo não funciona nem se assemelha ao formato de um grupo de leitura tradicional.

Adicionalmente, no que toca aos eventos e vídeos do grupo, não se encontram quaisquer conteúdos adicionados. Na pasta pertencente a fotos, encontra-se apenas a fotografia pública apresentada na página do grupo. Mais uma vez, não há vestígios de um interesse por parte dos membros desta comunidade para se envolverem nos vários aspetos e nos vários elementos oferecidos pela plataforma *Goodreads*.

Já relativamente às “sondagens” foi adicionada apenas uma votação, a 2 de abril de 2011, referente aos preços dos livros praticados em Portugal. Esta igual falta de dinamização dentro das atividades oferecidas neste *site* dá a entender que o grupo em questão não é muito ativo no que toca ao incentivo da participação dos seus membros de várias outras formas para além das discussões já estabelecidas. É ainda curioso constatar que apenas os moderadores têm a possibilidade de lançar votações dentro do grupo. O facto de não se dar a oportunidade aos próprios membros de lançar e abrir votações na comunidade pode ser um fator limitativo ao interesse dos seus membros, para além da participação e envolvimento das iniciativas dentro do grupo.

Perante toda esta atividade observada no grupo, pode-se dizer que as práticas de participação no *site Goodreads* por parte dos utilizadores incluem a publicação e partilha de conteúdos, a escrita de comentários, a classificação de livros e também a produção de críticas sobre esses mesmos. Em constante contacto com outras redes sociais fornecidas pela plataforma (como a possibilidade de se partilhar no *Facebook* ou no *Twitter*), os utilizadores recorrem a estas práticas, incorporando-as no seu quotidiano. Desta forma, os indivíduos põem em prática a sua designada literacia digital, sem sequer se aperceberem da sua aplicação todos os dias. Segundo Lisa Nakamura, “*Goodreads* makes reading promiscuous, networked, and above all social” (2013: 9).

4.2. Análise estatística dos tópicos de discussão do grupo

Relativamente a uma análise detalhadamente mais quantitativa do grupo em questão, foram construídas grelhas analíticas que permitissem aferir:

- Nível de participação em cada tópico de discussão do grupo;
- Tipo de conteúdos discutidos em cada tópico;
- Comportamentos dos membros registados em dois ou três tópicos mais relevantes.

De seguida, todas as grelhas foram preenchidas de acordo com os dados requisitados. Numa primeira fase, foi feito o levantamento dos dados em bruto correspondentes a vários aspetos da atividade dos vários tópicos de discussão no grupo “Portugal”: datas de publicação das discussões, último comentário feito em cada tópico de discussão, o número de comentários e o número total de visualizações contabilizadas em cada tópico. Os tópicos foram divididos e analisados por cada secção, sendo que todos eles correspondem ao período de existência da comunidade “Portugal”, contemplando todo o seu percurso até agora.

Adicionalmente, foi feito o levantamento do teor dos conteúdos discutidos em todos os tópicos de discussão, pertencentes a cada secção. Entendeu-se por conteúdo literário os tópicos de discussão que apresentassem argumentos e comentários relativos a temas como livros, autores, géneros literários, personagens, enredos, etc. Ou seja, todos os temas e assuntos que tenham como denominador comum o mundo literário.

Dentro da secção “general”, pode-se confirmar que os tópicos de discussão intitulados “combinar edições”, “Distrito!”, “poeta preferido” e “Ken Follett” são tópicos ativos, no sentido em que apresentam atividade recente respeitante ainda ao ano de 2015. Todos os restantes, todavia, apresentam última atividade relativa a fevereiro, julho, agosto e outubro de 2014 e anos anteriores.

Quanto ao número de visualizações e comentários, percebe-se através do gráfico 1 (nos Anexos) que o número de visualizações é sempre significativamente maior do que o número de comentários feitos em cada tópico de discussão. Tal sugere que, dentro deste grupo, lê-se muito mais do que se escreve ou comenta.

Quanto ao conteúdo literário discutido nesta secção, a sua percentagem ultrapassa, em larga escala, o conteúdo não literário ali discutido (consultar o gráfico 2 nos Anexos). Esta secção é a única onde se verificou tamanha discrepância entre conteúdo literário (73 %) e não literário (27 %).

Na secção “Quadro geral” (consultar o gráfico 3 nos Anexos), a categoria com mais tópicos de discussão criados (54), destacam-se três tópicos de discussão que apresentam constante atividade: “Os Nossos blogues”, “Vender/trocar livros” e “O que estou a ler agora...”. Segue-se o tópico “sugestões”, cujo último comentário feito data de 10 de fevereiro de 2015.

Curiosamente, o tópico “O que estou a ler agora...” é o que conta com o maior nível de participação por parte dos membros que mais comentam dentro do grupo. Verifica-se que os membros mais ativos participam bastante neste tópico, adicionando continuamente o título do livro e o autor correspondente, sempre que começam uma nova leitura.

Relativamente aos restantes tópicos de discussão, todos remontam a datas iguais e anteriores ao ano de 2014¹¹. Ainda que esta secção contenha o maior número de tópicos de discussão (muito provavelmente devido ao carácter generalista do seu título), denota-se uma grande ausência de participação na maior parte das discussões. À exceção dos tópicos referidos acima, os restantes não apresentam novos comentários feitos com o passar do tempo. Um dos fatores que poderia explicar esta falta de participação dos membros seria o teor efémero dos temas discutidos nos tópicos criados, mas tal ocorrência não se regista: os tópicos de discussão criados referem-se a temas recorrentes e que não perdem atualidade – salvo o tópico “Feira do Livro 2013 - Lisboa (livros em Inglês)”.

Contudo, a partir do gráfico 3 (consultar nos Anexos) pode-se verificar uma exceção na discrepância entre número de visualizações e o número de comentários: no tópico de discussão “O que estou a ler agora...” o número de comentários sobrepõe-se ao número de visualizações. O que pode significar que houve, de facto, bastantes membros que, ao visualizar e ler o tópico, participaram realmente na discussão fazendo um comentário. Além disso, podem ter voltado a abrir o tópico, contribuindo com mais comentários e envolvendo-se de facto na discussão *online*.

Relativamente a este tópico de discussão, regista-se alguma discussão entre os membros desta comunidade, sobre os livros que cada um lê ou pretende ler. Verifica-se igualmente alguma troca de opiniões sobre os enredos de certos livros mencionados pelos utilizadores, como é o caso de *Calafrio* de Henry James (consultar imagem 10 nos Anexos).

Adicionalmente, dentro deste tópico, assiste-se a um procedimento comum entre alguns membros: existem vários membros do grupo que, cada vez que começam uma nova leitura, fazem um comentário na discussão a indicar qual o livro a ser lido no momento. Como se pode verificar na imagem 11, em comentários mais recentes (de setembro de 2015), alguns utilizadores utilizaram o tópico apenas para informar os restantes membros sobre as suas leituras.

¹¹ Dois tópicos de discussão foram excluídos da análise devido ao encerramento de comentários nos tópicos por parte dos moderadores do grupo.



Imagem 11 – Aspeto geral do tópico de discussão “O que estou a ler agora...”, da secção “Quadro Geral”, do grupo “Portugal” no Goodreads.

No que respeita ao tipo de conteúdos discutidos (consultar gráfico 4 nos Anexos), verifica-se que o conteúdo não literário é ligeiramente maior (52 %) do que o conteúdo literário apresentado nos tópicos de discussão da secção (48 %).

As secções “Novidades/Informações”, com um total de 21 tópicos, e “Divulgação de autores”, com um total de 39 tópicos, são as únicas exceções relativamente à atividade apresentada. Uma vez que são secções mais específicas, criadas apenas com o propósito de divulgar passatempos, promoções, eventos, autores, etc., a larga maioria dos tópicos de discussão contém apenas um comentário, pertencente à pessoa que criou o tópico.

Porém, na secção “Divulgação de autores”, destacam-se as seguintes exceções a esta regra: os tópicos de discussão “Procuo revisores” e “Revisores para um livro ainda não publicado”, ao dirigirem-se a um público específico, chamam a atenção de alguns membros que estejam interessados, levando à geração de respostas e comentários ao tópico lançado.

Quanto aos conteúdos apresentados nestas duas secções, verifica-se que o conteúdo literário discutido é quase nulo, quando comparado com a percentagem de conteúdo não literário, que ultrapassa, nos dois casos, os 90 % (consultar gráficos 5 e 6 nos Anexos). Tal indica que, de uma maneira geral, os conteúdos de facto literários discutidos dentro do grupo “Portugal” registam-se apenas em algumas secções da comunidade *online*.

Assim, pode-se concluir que as secções “Novidades/Informações” e “Divulgação de autores” apresentam-se apenas como espaços para serem divulgados informações e trabalhos de

certos autores e internautas, deixando de fora as verdadeiras conversas nas quais os membros podem envolver-se sobre os mais variados temas.

A secção “Discussões” regista um total de 33 tópicos de discussão (consultar gráfico 7 nos Anexos). De uma forma geral, o número de visualizações em cada tópico de discussão ultrapassa, em larga escala, o número de comentários. A maioria dos tópicos não chega ao limiar dos 100 comentários, com a exceção de três tópicos de discussão: “Preço dos Livros (em Portugal)” com 141 comentários, “Quem é o melhor escritor português da actualidade? e o pior?” com 117 comentários, e “Como e quando descobriram o prazer da leitura?”, com 100 comentários.

Analisando este último tópico de discussão (“Como e quando descobriram o prazer da leitura?”), um dos moderadores lançou a pergunta a 27 de fevereiro de 2011, contando igualmente a sua experiência com a descoberta da leitura durante a sua infância e adolescência.

Discussões > Como e quando descobriram o prazer da leitura? 464 views

Comments (showing 1-50 of 100) [post a comment](#) date ▼ newest »

« previous 1 2 next »

message 1: by [profile picture] (last edited Feb 27, 2011 06:44AM) Feb 27, 2011 06:44AM

Mod

Como e quando descobriram o prazer da leitura?

Bem, como fui eu que fiz a pergunta vou também saciar a vossa curiosidade e contar-vos como foi a minha primeira experiência no mundo da literatura. E como é que me tornei uma leitora ávida e bastante entusiástica.

Quando tinha por volta dos 10 anos, a minha mãe começou a oferecer-me livros com o intuito de me fazer passar o gosto pela leitura. Ela, que descobriu na adolescência este prazer queria proporcionar aos filhos esse mesmo gosto. Deixem-me que vos diga que ela bem tentou, mas eu já naquela altura, um espírito muito contraditório sempre me recusei a abrir a minha mente e explorar o mundo dos livros.

E entretanto, por volta dos meus 12 anos, estava de férias em Coimbra, em casa dos meus avós, quando vejo um livro (que a minha mãe estava a ler na altura) e pego nele. Chamava-se - Os Cinco numa Caravana (bem, não posso dizer o título com absoluta certeza - mas ainda me lembro da história) e eu devorei o livro! A partir daí, passei as minhas intermináveis férias de verão a ler a colecção inteira dos *Famosos Cinco* da Enid Blyton e a seguir a devorar também a colecção também inteira da Agatha Christie, Poirot.

A partir daí, nunca mais parei e estou sempre rodeada de livros.

Graças à perseverança da minha mãe.

Imagem 12 – Aspeto geral do primeiro comentário que lançou o tópico “Como e quando descobriram o prazer da leitura?”, no grupo “Portugal” do *Goodreads*.

A partir deste comentário inicial, a maioria dos participantes respondeu que o prazer pela leitura surgiu na infância e na adolescência, indicando igualmente quais os livros que leram que os fizeram despertar esse gosto. Verifica-se ainda que alguns membros escreveram mais do que um comentário, o que levanta a hipótese de que os participantes não se limitaram a descrever as suas experiências, mas trocaram opiniões e comentários, envolvendo-se numa verdadeira conversa literária. Define-se conversa literária pela realização de uma troca de ideias e argumentos sobre determinado tópico literário, numa prática que demonstra, claramente, uma

verdadeira interação social: “*Goodreads* is both a literary network and a fan community, and its design, features, and user conventions reflect this hybrid purpose and heritage” (Nakamura, 2013: 5).

Outro dos exemplos que suporta a teoria de que houve, realmente, uma discussão entre estes membros, é o exemplo da imagem 13, onde se percebe que houve respostas direcionadas a determinados comentários feitos anteriormente. Existe igualmente uma troca de opiniões, em que os utilizadores utilizam palavras como “concordo” e “dou-te razão”. Além disso, a discussão em volta do tópico inicial, sobre a descoberta da leitura enquanto prazer, modificou-se ao longo dos comentários para o tipo de literatura apreciada e menos apreciada pelos utilizadores.

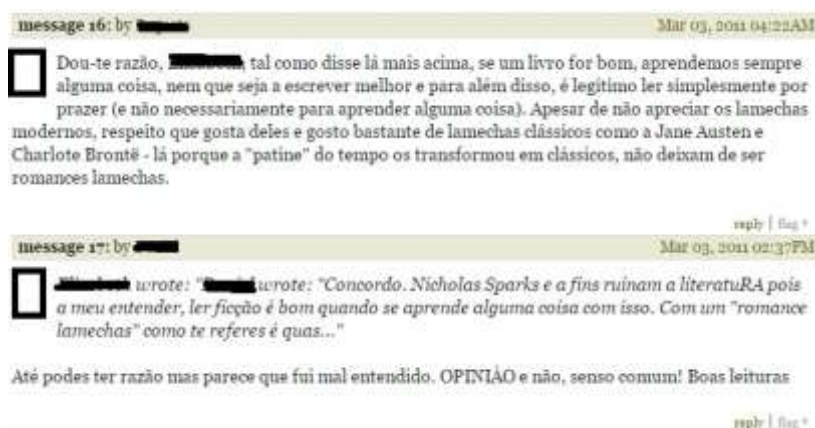


Imagem 13 – Aspeto geral de uma troca de comentários dentro do tópico de discussão “Como e quando descobriram o prazer da leitura?”, no grupo “Portugal” do *Goodreads*.

Relativamente ao tipo de conteúdos discutidos na secção “Discussões”, mais de metade dos tópicos de discussão (61 %) são de teor literário (consultar gráfico 8 nos Anexos). Já o conteúdo não literário apresentado nestes tópicos de discussão é inferior – cerca de 39 %. Tal poderá dar a entender que a secção “Discussões” alberga, no seu sentido lato, as verdadeiras discussões literárias do grupo.

Na secção “Cantinho Aleatório”, assim como na secção “Jogos”, os números são mais modestos, apenas com 9 e 7 tópicos de discussão, respetivamente.

É interessante aferir que alguns dos membros que mais participam na discussão “Jogo – Sinónimos/Ligações” são, igualmente, os que mais participam nos vários outros tópicos dentro do grupo, nomeadamente os moderadores (incluindo o Utilizador 3 mencionado anteriormente), e os referidos Utilizador 4 e Utilizador 5. É ainda de ressaltar que todos estes utilizadores se encontram na lista dos membros que mais comentários publicam dentro do grupo.

Quando se acede aos comentários feitos dentro do grupo “Portugal” em cada utilizador membro da comunidade, destacam-se os utilizadores 6 e 7, por exemplo, que apesar de participarem muito no jogo “Sinónimos/Ligações”, o total dos seus comentários feitos dentro do

grupo pertence somente a esse jogo, com algumas exceções quanto ao tópico “O que estou a ler agora...” da secção “Quadro geral” (consultar a imagem 14 nos Anexos).

Quanto à secção “Cantinho Aleatório”, a participação dos membros do grupo é muito reduzida. Prova disso é o tópico de discussão “Gabriel García Márquez perdeu a memória e não voltará a escrever”, que apresenta o maior número de comentários publicados naquela secção: apenas 22 comentários. Quanto a esta discussão, o Utilizador 3, também moderador do grupo em questão, iniciou o tópico com um *link* para uma notícia sobre o escritor Gabriel García Márquez. Mais uma vez, não é a primeira vez que se assiste a um dos moderadores a iniciar tópicos de discussão de forma a tentar dinamizar a atividade dentro do grupo. No entanto, como se pode verificar na imagem abaixo, o Utilizador 9 respondeu com um comentário que suscitou algum desconforto no Utilizador 8, que lhe responde de volta. A tensão entre os dois utilizadores confirma-se em comentários posteriores, mas acaba por ser atenuada com a intervenção de outros membros da comunidade.

De facto, esta não é a única discussão mais acesa dentro da comunidade “Portugal”, onde até os utilizadores já chegaram a trocar comentários algo desagradáveis e bastante provocadores entre si. Todavia, se não são outros utilizadores a neutralizar o tom da discussão, é dever dos moderadores intervir e até encerrar o tópico de discussão, impedindo a publicação de novos comentários naquele espaço. Novamente, se o objetivo destas discussões virtuais é criar uma interação social entre pessoas, é perfeitamente normal que hajam discordâncias sobre determinados assuntos, elevando o tom emocional de cada um. Já Nakamura evidencia que “lively, provocative, and often surprisingly personal conversations several screens long can occur among friends and strangers using books as pretexts for exchange” (2013: 5) no *Goodreads*.



Imagem 15 – Aspeto geral de uma troca de comentários dentro do tópico de discussão “Gabriel García Marquez perdeu a memória e não voltará a escrever”, no grupo “Portugal” do *Goodreads*.

Ainda a propósito desta secção do “Cantinho Aleatório”, verifica-se que todos os tópicos que apresentam conteúdos referentes a passatempos para ganhar livros, contêm somente um comentário, feito por quem introduziu o tópico no grupo (consultar gráfico 9 nos Anexos).

Adicionalmente, o conteúdo não literário discutido nesta secção é superior ao conteúdo literário, como se comprova no gráfico 10 (em Anexos): apenas 22 % dos tópicos de discussão apresentaram conteúdo literário, enquanto mais de metade (78 %) demonstrava conteúdos não literários. Depreende-se, então, que esta secção se tornou muito semelhante às secções “Novidades/Informações” e “Divulgação de autores”, que constam apenas para divulgar certas informações e conteúdos que não suscitam o envolvimento dos membros nas conversas.

4.3. Análise estatística da amostra inquirida

O inquérito feito aos membros do grupo “Portugal” na rede social *Goodreads* contou com 73 respostas, tendo sido formulado numa ferramenta *online* e, numa fase posterior, disponibilizado dentro da comunidade virtual, na forma de um novo tópico de discussão.

A conceção do inquérito foi baseada nos objetivos deste estudo, inspirada por outros inquéritos já formulados e aplicados à população portuguesa, como o inquérito *A Leitura em Portugal*, de Santos, Neves, Lima e Carvalho, de 2007, e o inquérito aos leitores digitais em 16

países, cujos resultados foram obtidos no primeiro semestre de 2013 e revelados em *O Livro, o Leitor e a Leitura Digital*, da coordenação de Gustavo Cardoso.

Em termos mais gerais, há um conjunto de traços que se podem delinear acerca dos indivíduos inquiridos. Em primeiro lugar, pode-se verificar que a maior parte dos inquiridos (39,7 %) tem um nível de escolaridade elevado (pós-graduação, mestrado ou doutoramento), enquanto 28,8 % tem a licenciatura completa. Apenas 1,4 % das pessoas inquiridas respondeu ter completado o bacharelato, enquanto 2,7 % diz ter o 3.º ciclo do Ensino Básico (9.º ano). Já 27,4 % dos inquiridos afirma ter o Ensino Secundário concluído.

Em segundo lugar, todos os inquiridos – com a exceção de uma pessoa –, se consideram leitores assíduos. Neste âmbito, procedeu-se à verificação de quais as suas respostas às perguntas sobre os hábitos de leitura. Assim, regista-se que 65,8 % das pessoas inquiridas diz ter lido 13 ou mais livros impressos nos últimos 12 meses, enquanto 19,2 % dos inquiridos diz ter lido entre 8 e 12 livros impressos no mesmo período de tempo (consultar gráfico 11 nos Anexos). Tal sugere que, de facto, os inquiridos que dizem ser leitores assíduos envolvem-se em práticas de leitura em suporte impresso regulares. E quanto a hábitos de leitura em suporte digital?

Quanto a *e-books*, a população inquirida divide-se mais. Cerca de 24,7 % das pessoas diz ter lido entre 1 e 3 *e-books*, mas a mesma percentagem afirma não ter lido nenhum *e-book* nos últimos 12 meses. Numa percentagem igualmente considerável, 21,9 % do conjunto de inquiridos diz ter lido entre 4 e 7 *e-books* no último ano. Contudo, a percentagem de quem leu entre 8 e 12 *e-books* ficou-se apenas nos 4,1 %. Quanto à opção que engloba o maior número de *e-books* lidos (13 *e-books* ou mais), a percentagem de inquiridos fica-se, igualmente, pelos 24,7 %. Deparamo-nos, então com a conclusão de que não existe uma tendência global na análise destes dados. Em vez disso, pode-se dizer que, neste caso específico, “existem determinados sujeitos que transportam o seu *habitus* de leitores tradicionais (de livros) para as práticas de leitura digital” (Cardoso e Cameira, 2015: 263). No entanto, é importante denotar que “a formalização do que é leitura não decorre do suporte onde a escrita assenta, ou seja, não depende de se tratar de um ecrã digital ou de papel analógico” (*Idem*: 230).

Um dos aspetos que tem sido analisado em vários estudos sobre leitores, remete para as diversas situações de leitura e qual o suporte preferido pelos mesmos para cada uma delas. Assim, uma das perguntas elaboradas neste inquérito revelou que, de uma forma geral, os inquiridos preferem sempre o suporte impresso ao digital (ler livros, ler revistas, ler nos transportes públicos, ler mais extensiva e atentamente). Contudo, existe uma exceção a esta regra: 64,4 % das pessoas inquiridas pertencentes ao grupo “Portugal” prefere ler jornais em suporte digital. Este facto sustenta as conclusões retiradas do estudo “Leitura Digital”, coordenado por Gustavo Cardoso, e levado a cabo

pelo CIES-ISCTE e a Fundação Calouste Gulbenkian em 2013, que “entre os utilizadores de Internet, há uma tendência muito clara de consulta de notícias *online* e de jornais nesse formato” (Cardoso e Quintanilha, 2015: 303).

Enquanto 91,8 % dos inquiridos diz preferir ler livros em suporte impresso, em contraste, apenas 8,2 % de inquiridos diz preferir ler livros em suporte digital. Todavia, quando interrogados sobre a preferência no ato de ler mais atenta e extensivamente, esta discrepância aumenta: 94,5 % prefere ler mais atenta e extensivamente em suporte impresso, e 5,5 % diz que prefere ler mais atenta e extensivamente em suporte digital. Tal facto vem sustentar a conclusão global de Gustavo Cardoso referida acima, de que a leitura digital está mais associada ao trabalho académico e aos manuais técnicos, enquanto a leitura impressa é, sobretudo, percebida como fonte de prazer e entretenimento (Cardoso et al., 2012; Cardoso, 2013).

De acordo com a norte-americana Wendy Griswold, a conceção de leitura engloba a que se “realiza por prazer e necessidades de informação” e a que “decorre de razões escolares e profissionais” (Cardoso e Cameira, 2015: 11,12). Neste sentido, torna-se necessário dar conta dos motivos que levam à prática da leitura. Na população inquirida, 98,6 % diz que o prazer é a razão por detrás da escolha da prática de leitura. Ainda assim, 38,4 % escolheu igualmente um segundo motivo para além do prazer: “pesquisar sobre tópicos específicos de interesse”.

Tendo em conta que o advento da Internet veio multiplicar e massificar o texto (Cardoso et al., 2015), é importante perceber os hábitos de utilização deste meio dentro desta comunidade virtual, bem como perceber qual a correlação entre leitores e o uso que estes fazem da Internet, especialmente se se encontram numa rede social orientada para os leitores.

Assim, em termos de frequência do uso da Internet, todos os inquiridos responderam usar este meio diariamente. Quanto à sua utilização discriminada, contemple-se o seguinte gráfico:

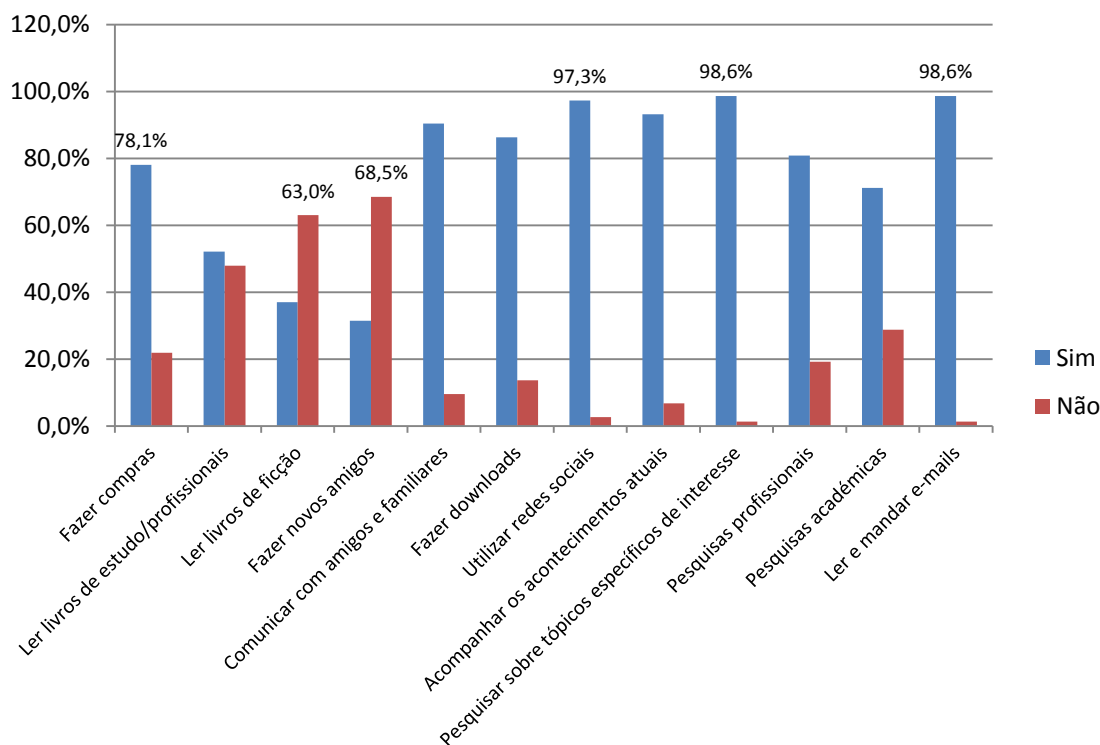


Gráfico 12 – Percentagem de indivíduos que afirmam utilizar a Internet para determinada função.

De uma forma geral, mais de 60 % dos inquiridos respondeu que utiliza a Internet para as atividades descritas. Todavia, evidenciam-se três exceções a esta regra. 68,5 % dos indivíduos diz que não utiliza este meio para fazer novos amigos, enquanto apenas 31,5 % diz fazê-lo através da Internet. Quanto ao uso da Internet para leitura de livros de estudo ou profissionais, a percentagem de pessoas que diz fazê-lo sobrepõe-se à percentagem dos que afirmam não o fazer, ainda que seja uma diferença de apenas 4,2 pontos percentuais. Por fim, o que é mais curioso constatar na análise deste gráfico, é o facto de 63 % dos inquiridos afirmar que não usa a Internet para ler livros de ficção. Sendo um grupo cujos membros afirmam ser leitores, e cujas pessoas se dizem envolver de forma assídua e regular nas atividades de leitura, é altamente curioso que apenas 37 % afirme ler ficção pela Internet. Como argumenta Nakamura, “Early digital-media theorists prophesied that electronic reading would engender new forms of textual consumption and pleasure based on random-access or hypertextual narratives in which readers could navigate at will. (...) however, this did not come to pass, because hypertextual reading is disorienting and often frustrating” (2013: 4).

Relativamente aos valores que mais se destacam, é de referir que ambas as atividades de ler e enviar *e-mails* e pesquisar sobre tópicos específicos de interesse alcançaram a mesma percentagem: 98,6 %. O mesmo se verifica para a percentagem de inquiridos que respondeu que não utiliza este meio para as atividades mencionadas: apenas 1,4 %. O que dá a entender que, de facto, estes são os usos mais escolhidos pelos inquiridos para aceder à Internet.

O acesso à Internet para a utilização de redes sociais também se evidencia, com 97,3 % das pessoas inquiridas a afirmar que recorre a esse meio para realizar tal atividade.

Pode-se então concluir que o conjunto das pessoas inquiridas que pertence ao grupo “Portugal” faz um grande uso diário da Internet, para as mais variadas funções da vida quotidiana. Assiste-se, então, a uma proximidade à definição de “leitor virtual” de Bertrand-Gastaldy, que tipifica um leitor que navega e “surfa” na Internet, e que tende igualmente para leituras mais fragmentadas, multidimensionais e relacionais (Cardoso e Cameira, 2015).

Quanto às utilização de redes sociais, destacam-se o *Facebook*, o *Instagram* e, obviamente, o *Goodreads*, como as redes mais utilizadas por estes indivíduos. 72,6 % das pessoas inquiridas diz utilizar o Facebook diariamente ou várias vezes ao dia, enquanto 11 % diz utilizar a rede apenas uma vez por semana. Já apenas 9,6 % das pessoas diz raramente usar esta rede social, enquanto 6,8 % diz nunca a utilizar.

As redes sociais *Twitter*, *Pinterest*, *Tumblr*, *MySpace* e *LinkedIn* obtiveram percentagens de utilização muito baixas, destacando-se mais o *Instagram* com 17 % e o *YouTube* com 28,8 % de utilizadores diários. Esta tendência corresponde aos dados obtidos no âmbito do projeto “Leitura Digital”, onde se registou que, em Portugal, as redes sociais mais utilizadas são o *Facebook* e o *YouTube* (Cardoso et al., 2015).

Os resultados obtidos neste inquérito em relação às práticas de utilização das TIC mostram-se coerentes. A maioria dos inquiridos que diz utilizar a Internet diariamente e que a usa de várias formas também diz manter uma certa utilização de, pelo menos, duas redes sociais (neste caso, o *Goodreads* e o *Facebook*). Verifica-se, desta forma, que este conjunto de inquiridos é considerado utilizador frequente da Internet.

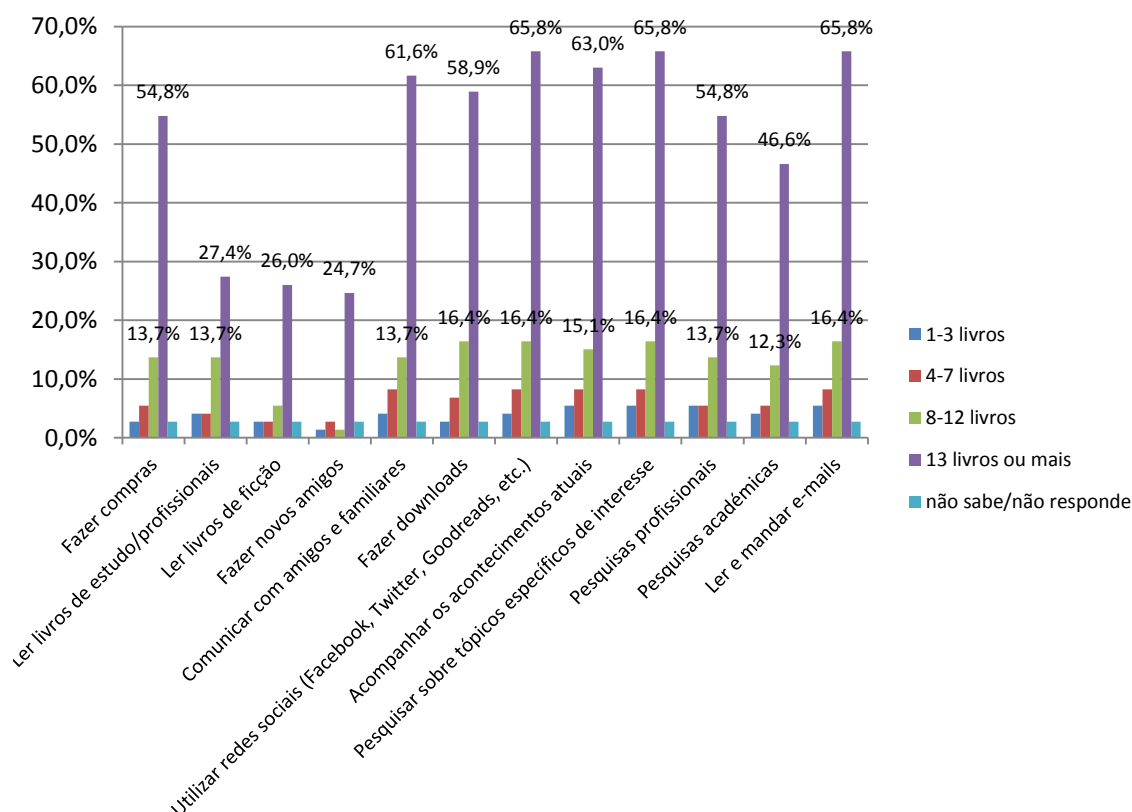


Gráfico 13 – Correlação entre os usos feitos da Internet e a quantidade de livros lidos normalmente durante um ano.

A partir do gráfico desenhado acima, apreende-se que, de uma forma geral, as pessoas inquiridas recorrem à Internet para os mais variados usos, quer tenham lido 13 ou mais livros por ano ou apenas entre 1 e 3 livros por ano. Tal indica que nos aproximamos (ainda que não totalmente) da categoria de “leitores totais”, definida no estudo “Leitura Digital”. Esta estabelece que estes são os “indivíduos que, lendo em papel, efectivamente lêem ou já leram livros em suporte digital (...), que diariamente lêem nas redes sociais e utilizam um motor de busca do tipo Google para se manterem informados, que todos os dias lêem *e-mails*, que frequentemente se dedicam à leitura de jornais digitais, e que fazem tudo isso quer no computador (...) quer noutro dispositivo digital móvel” (Cardoso e Cameira, 2015: 258).

Olhando para tal definição, compreende-se que o conjunto de pessoas inquiridas nesta dissertação corresponde a uma fração do que é descrito pelos autores Cardoso e Cameira: são leitores regulares do suporte impresso, que já acabaram por ler livros digitais e que utilizam a Internet para as mais variadas funções, como para se manterem informados ou para lerem e enviarem *e-mails*.

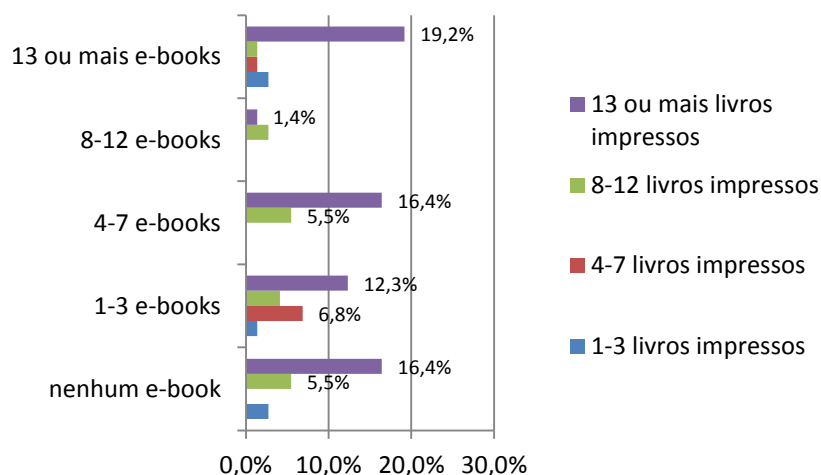


Gráfico 14 – Correlação entre a percentagem de inquiridos que diz ter lido livros impressos com a percentagem que diz ter lido livros digitais nos últimos 12 meses.

De acordo com o gráfico acima, conclui-se que quase 20 % dos inquiridos que leram 13 ou mais livros impressos no último ano, também leram 13 ou mais *e-books* nos últimos 12 meses. No entanto, existe igualmente uma grande percentagem de inquiridos que leu 13 ou mais livros no último ano, que tenha lido entre 4 e 7 *e-books*, assim como nenhum *e-book* no último ano. Tal indica que, de acordo com Gustavo Cardoso, que mais lê em formato impresso é quem mais lê em formato digital, não havendo “uma relação directa entre ler-se muitos livros em formato papel e fazê-lo em formato digital” (Cardoso, 2013: 4).

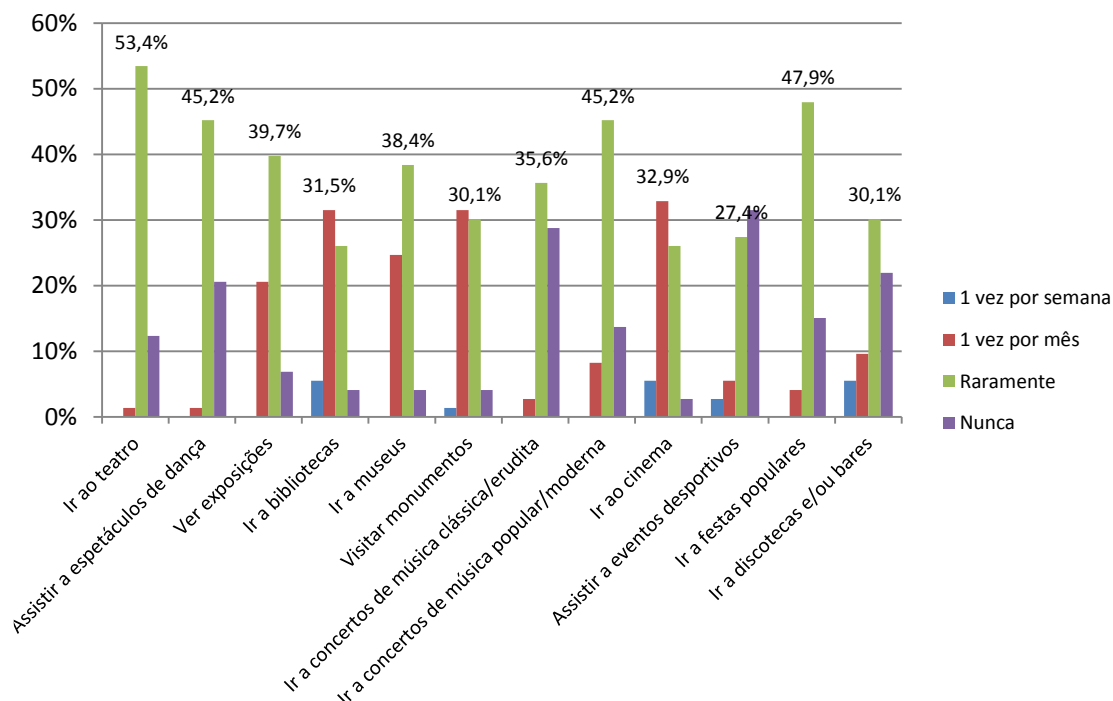


Gráfico 15 – Práticas culturais dentro do conjunto de indivíduos que afirma ler 13 ou mais livros normalmente durante um ano (em percentagem).

Feita uma análise mais detalhada dos comportamentos dos inquiridos, descobre-se que em termos de práticas culturais, os leitores que dizem ler 13 ou mais livros normalmente durante um ano não se envolvem com frequência em atividades culturais como ir ao teatro, assistir a espetáculos ou frequentar festas, como se pode comprovar no gráfico acima – o item “raramente” obteve sempre mais de 25 % das respostas. No entanto, destacam-se as atividades de visitar monumentos (31,5 %), ir ao cinema (32,9 %) e ir a bibliotecas (31,5 %), que são realizadas uma vez por mês entre estes leitores. Ainda assim, a opção “nunca” também aparece com alguma escala nas atividades que consistem em assistir a espetáculos de dança (20,5 %), ir a concertos de música erudita/clássica (28,8 %), assistir a eventos desportivos (31,5 %) e ir a bares ou discotecas (21,9 %).

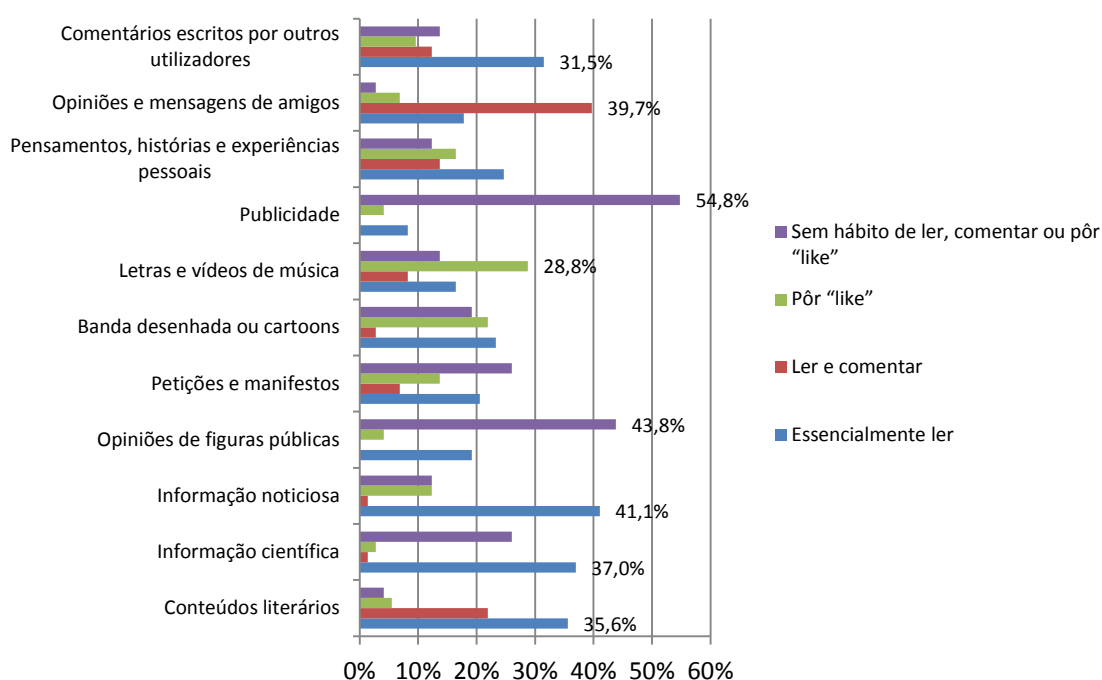


Gráfico 16 – Comportamento nas redes sociais dentro dos indivíduos que dizem ler, normalmente, 13 livros impressos ou mais durante um ano (em percentagem).

Dentro da população inquirida que lê habitualmente 13 ou mais livros num ano, o comportamento mais recorrente nas redes sociais é ler, essencialmente. A prática de ler e comentar evidencia-se nas categorias de “opiniões e mensagens de amigos” (39,7 %) e “conteúdos literários” (21,9 %). No entanto, a prática de pôr “like” não se evidencia tanto em qualquer dos temas assinalados, sobressaindo apenas na categoria “letras e vídeos de música” (28,8 %). Mais uma vez, os valores indicam que os indivíduos inquiridos leem mais do que comentam. Estes resultados demonstram ainda que estes leitores não mantêm uma participação muito assídua e interessada nas redes sociais, o que poderá explicar a falta de comentários e o fraco envolvimento já verificados anteriormente nas discussões do grupo “Portugal”.

Segundo Cardoso e Lapa, o comportamento nas redes sociais pode ser avaliado mediante as dinâmicas motivacionais, na medida em que “são os conteúdos de cariz mais fático guiados pelo interesse em partilhar conteúdos passíveis de reforçar vínculos sociais (laços fortes) que compõem as práticas mais frequentes de leitura e escrita nos *sites* de redes sociais” (2015: 340). Como é enfatizado pelos valores da análise acima descrita, é precisamente com este intuito de reforçar os laços fortes que os indivíduos se envolvem, nomeadamente, na prática de ler e comentar as opiniões e mensagens de amigos.

Do conjunto das pessoas inquiridas, destaca-se ainda que, de uma maneira geral, o suporte impresso é sempre o preferido entre os inquiridos, independentemente do nível de escolaridade (consultar gráfico 17 nos Anexos). Todavia, verifica-se que o conjunto dos inquiridos com o ensino secundário, a licenciatura ou um nível de Ensino Superior equivalente à pós-graduação, mestrado ou doutoramento são os que também leem em suporte digital; ao contrário dos que têm o Ensino Básico referente ao 3.º ciclo ou o bacharelato, que não leem em formato digital. Estas conclusões apoiam outras feitas em estudos anteriores e mais globais, de que quanto maior o nível de escolaridade, maior o envolvimento com os livros em formato digital (Cardoso, 2015).

Mas, enquanto utilizadores da Internet e, especialmente utilizadores do *Goodreads*, torna-se imperativo analisar o que esta população considera da plataforma em termos de facilidade de manuseamento, compreensão e utilidade da mesma. Neste sentido, foi pedido aos inquiridos que determinassem, numa escala de 0 a 5, o nível de facilidade de manuseamento, compreensão e utilidade da plataforma *Goodreads*. Em termos de manuseamento, 53,4 % dos inquiridos atribuiu a classificação 5 (muito fácil) ao manuseamento da plataforma, enquanto 43,8 % das pessoas atribuiu a classificação 4. Em relação à compreensão da plataforma, verificou-se o mesmo padrão: 54,8 % atribuiu a classificação 5, enquanto 38,4 % atribuiu a classificação 4. No entanto, registou-se uma pequena percentagem de pessoas que atribuiu à compreensão da plataforma a classificação 3 (cerca de 5,5 %). Por último, mais de metade dos inquiridos (63 %) considera que a plataforma *Goodreads* tem muita utilidade (classificação 5 da escala).

Relativamente à atividade das pessoas do *Goodreads* inquiridas, verifica-se que a pesquisa de livros foi a que obteve uma maior percentagem de envolvimento por parte da população inquirida: 65,8 % afirmou pesquisar livros no *Goodreads* diariamente, enquanto 30,1 % diz fazê-lo uma vez por semana. Ninguém respondeu nunca a esta opção.

Segue-se a pesquisa de autores, com 47,9 % dos inquiridos a afirmar que faz essa pesquisa uma vez por semana, e 30,1 % fá-la diariamente. Quanto à atividade de classificar livros, apesar de não ser uma atividade que os inquiridos façam numa base diária, cerca de 57,5 % das pessoas diz fazê-lo uma vez por semana.

As atividades que obtiveram as maiores percentagens da resposta “raramente” são a pesquisa de grupos, responder a quizzes, recomendar livros a amigos, comentar a atividade de amigos e escrever críticas. Esta última, apesar de 47,9 % dos inquiridos afirmar que raramente escreve críticas de livros no *Goodreads*, cerca de 28,8 % diz fazê-lo uma vez por semana. Já a atividade com menos envolvimento por parte deste conjunto de indivíduos remete-se para a participação em passatempos e *giveaways* (funcionalidade disponível no *Goodreads*, onde as editoras e os autores oferecem cópias dos seus livros ainda não publicados através de sorteios, em troca de críticas dos seus leitores).

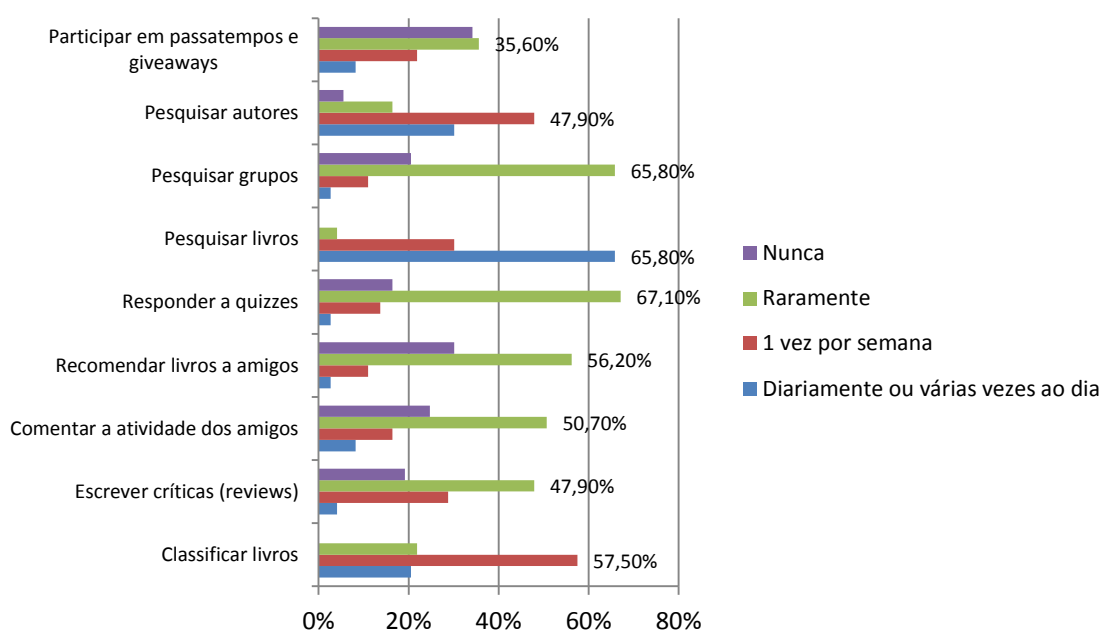


Gráfico 18 – Percentagem de indivíduos que afirma utilizar a plataforma *Goodreads* nas seguintes funções, por frequência.

É uma vez que se fala na atividade em que os membros se envolvem no *Goodreads*, é importante referir qual a utilização que estes fazem igualmente do grupo “Portugal”. Enquanto 13,7 % dos membros diz interagir com outras pessoas no grupo, a larga maioria (74,0 %) afirma que utiliza o grupo em questão para conhecer novos autores e novos livros. Além disso, somente 8,2 % dos inquiridos alega participar em discussões, e 4,1 % afirma publicar conteúdos literários nesta comunidade *online*, o que evidencia que existe uma participação muito passiva dentro do grupo. Ainda que já tenha sido mencionada a fraca participação dentro do grupo no capítulo 4.1 deste estudo, o mesmo facto confirma-se no conjunto de indivíduos abrangido por este inquérito.

Quanto à frequência de utilização da plataforma e do grupo, descrevem-se os seguintes comportamentos: 65,8 % dos inquiridos diz participar raramente no grupo “Portugal”, e 20,5 % diz participar pelo menos uma vez por semana. Mas, quando inquiridos sobre o motivo que os

leva a nunca participar no grupo, 39,7 % deste conjunto de indivíduos responde “a falta de tempo”, e 19,2 % afirma que a “falta de interesse pelos conteúdos discutidos” é um dos motivos. Tais resultados vêm sustentar a tese de que a participação no grupo é muito fraca, mantida desde o início da análise a esta comunidade virtual.

Em contraste, 63 % dos inquiridos diz utilizar diariamente a plataforma *Goodreads*, enquanto 32,9 % alega utilizá-la pelo menos uma vez por semana. As frequências “mensalmente” e “raramente” receberam apenas 2,7 % e 1,4 % das respostas, respetivamente. Tal poderá sugerir que a população inquirida, de facto, utiliza de forma frequente a rede social *Goodreads*, mas que a atividade no grupo “Portugal” já não desperta tanto interesse e envolvimento. As razões inerentes a esta fraca estimulação de interesse por parte do grupo poderão prender-se pela inatividade dos seus próprios membros, que assim escolhem não participar e envolver-se nas atividades do grupo, ou poderão ter a ver com o trabalho dos moderadores, que não conseguem dinamizar o grupo com mais discussões interessantes e outro tipo de atividades apelativas, que não se cinjam apenas a discussões.

Acerca desta questão, é curioso analisar o argumento de Lisa Nakamura: “*Goodreads* invites users to navigate not in books but in its catalog, to create new catalogs, and to enjoy other people’s collections” (2013: 4). Se, realmente, o propósito que as pessoas veem no *Goodreads* é navegar e descobrir as coleções de livros dos amigos, será natural que não procurem a plataforma, assim como as comunidades virtuais nela inseridas, para se envolverem em discussões entre si.

Se, por um lado, se fala da frequência de utilização do *Goodreads* e do grupo “Portugal”, por outro é importante saber quais os motivos que levaram os seus membros a aderir a ambos. O motivo mais referido para a adesão à rede social *Goodreads* é “interesses literários”, com 95,9 % dos inquiridos a selecionar esta opção. Já 39,8 % da população inquirida refere que um dos motivos foi a simples curiosidade, enquanto 12,3 % diz que aderiu à rede social através de recomendações de amigos. O motivo “para conhecer pessoas com os mesmos interesses” contou com 13,7 % das respostas, e apenas 6,8 % alega ter aderido para trocar opiniões com amigos já existentes.

Em relação ao motivo de aderir ao grupo “Portugal”, 45 % dos inquiridos refere o “objetivo de querer pertencer a uma comunidade” como razão. Já 46,6 % das pessoas inquiridas mencionou o “interesse nos conteúdos discutidos”. Curiosamente, não se verifica um grande envolvimento nas discussões acolhidas dentro desta comunidade virtual. Outro motivo de adesão, “identificação com os membros e o objetivo do grupo”, recebeu 32,8 % das respostas deste conjunto de indivíduos. Apenas 8,2 % das pessoas inquiridas refere a recomendação de amigos como um dos motivos.

Em último lugar, quando interrogados sobre se as atividades levadas a cabo dentro do grupo “Portugal” correspondiam às expectativas dos seus membros, 47,9 % dos inquiridos

escolheu a opção “não sei/não responde”. No entanto, é curioso concluir que 37,0 % respondeu “sim” e 15,1 % respondeu “não”. O facto de a maioria dos inquiridos não responder a esta pergunta só apoia o desinteresse e a falta de participação verificada entre este conjunto da população dentro do grupo “Portugal”.

Contudo, ao cruzar a frequência de utilização do grupo e as expetativas dos seus membros, descobre-se que o maior número de inquiridos (27) que responde “não sei/não responde” à concretização das suas expetativas, raramente participa no grupo. De facto, se não se formam expetativas quanto ao grupo, não se tem interesse em participar no mesmo, o que pode responder à incerteza verificada nas respostas ao inquérito realizado.

Ainda assim, 12 inquiridos que raramente participam no grupo dizem que as suas expetativas são realizadas, enquanto 9 pessoas dizem que não. Tal poderá indicar que não existe uma relação direta entre a frequência de utilização no grupo e as expetativas formadas em relação à atividade do grupo. O facto de raramente se participar na comunidade não parece ser uma condicionante relativamente às expetativas que se tem da utilidade da mesma.

Já os inquiridos que participam no grupo pelo menos uma vez por semana, 11 responderam “sim” à questão das suas expetativas, enquanto 4 escolheu a resposta “não sei/não responde”. Estes dados poderão revelar que, entre os que participam mais no grupo, ou não veem as suas expetativas diminuir quanto à atividade e envolvimento dos utilizadores na comunidade, ou estão indecisos. Curiosamente, nenhum inquirido respondeu “não”. Talvez se poderá concluir igualmente que muitos destes inquiridos não formaram quaisquer expetativas quanto à utilidade e envolvimento da comunidade virtual em estudo.

5. CONCLUSÕES

Quando se estuda uma comunidade *online*, é importante estudar não só os comportamentos dos seus membros e os aspetos gerais dos perfis disponibilizados na rede, mas também tentar saber mais sobre os interesses e hábitos das pessoas fora do plano virtual.

Numa sociedade completamente nova e modificada pela tecnologia, onde os adventos da Internet e da *web 2.0* se tornaram uma parte central do nosso quotidiano, surgem algumas questões que se colocam às interações sociais entre os indivíduos na esfera virtual. Não é novidade que o aparecimento das redes sociais como o *Facebook* ou o *Twitter* vieram alterar profundamente a forma como nos relacionamos uns com os outros. A criação da rede social *Goodreads* constituiu-se como mais um contributo para este novo mundo digital, mas também marcou uma diferença: para além das interações sociais se terem facilitado através de um clique, estas redes sociais passaram igualmente a facilitar e a unir pessoas a distâncias e de características sociais totalmente diferentes por um interesse comum. A par destes avanços,

surgiram muitas outras aplicações e programas com intuitos muito específicos e variados, desde o Tinder, ao Instagram, ao Tumblr, etc...

O que se torna interessante em relação ao *Goodreads*, é o facto de esta rede social aliar o tema da leitura, uma atividade comumente solitária e introspetiva, a um contexto social. Aqui patente está o argumento de que a Internet, aliada à *web 2.0* e às redes sociais, cria aos seus utilizadores a oportunidade de se ler e escrever mais. De acordo com Nakamura, “an online platform that enables reader’s commenting, writing can become a more social and creative process when done in dialogue with readers. (...) Thus, it makes sense to evaluate not how far our devices are taking us from paper, but rather how digital media are creating new social valences of reading” (2013: 1).

Então, o *Goodreads* favorece toda esta dinâmica participativa já referida por Jenkins (2009), no sentido em que se promovem as interações sociais entre os seus membros. E é aqui que se fala no conceito de comunidade virtual, aqui descrita como “um grupo social não sujeito a padrões de dimensão específicos, em cuja base de formação se encontra a partilha de interesses comuns, de tipo social, profissional, ocupacional ou religioso no qual não se procura apenas informação, mas também pertença, apoio e afirmação” (Cardoso, 1998: 115). O grupo analisado nesta dissertação, denominado “Portugal”, ao ser uma comunidade virtual sediada no *Goodreads*, pretende ser equivalente a uma comunidade física, na medida em que “à cidade real, física, tangível, os homens pretendem sobrepor uma outra, virtual, intangível” (*Idem*: 88).

Como sustentam Wellmand e Gulia, “the Net is especially suited to maintaining intermediate-strength ties between people who cannot see each other frequently. On-line relationships are based more on shared interests and less on shared social characteristics. Although many relationships function off-line as well as on-line, CSSNs [Computer supported social networks] are developing norms and structures of their own. They are not just pale imitations of ‘real life’” (1999: 16). Seguindo esta linha de pensamento, verifica-se que existe, de facto, uma analogia entre o espaço físico e o ciberespaço, e que dentro das comunidades virtuais as interações sociais continuam presentes, e que os processos de socialização são tão complexos quanto os que ocorrem no espaço físico.

Porém, assistiu-se, na análise feita às interações dentro deste grupo, que não existe uma verdadeira noção de partilha intrínseca ao conceito e aos valores da comunidade física. Uma vez que não se nota uma participação regular e assídua nem se verifica uma dinamização das interações no grupo, as características da verdadeira partilha e sentido de proximidade, inerentes à comunidade física, acabam por se perder um pouco. Tal conclusão não invalida, no entanto, que não ocorram sociabilidades dentro do grupo referido, e que todas as comunidades virtuais existentes no ciberespaço apresentem estas características de ausência de interação.

Voltando à questão da leitura aqui associada, a inquietação que surge de imediato tem a ver com o eventual desaparecimento do livro impresso, e como o plano digital, ao já estar

totalmente incorporado no nosso quotidiano, poderá ou não substituir por completo a esfera analógica, do impresso. Contudo, há tantas outras questões que se colocam nesta temática.

Nomeadamente a questão de nos encontrarmos perante novos leitores (Cardoso e Cameira, 2015). No que toca à análise feita aos inquiridos desta dissertação, compreende-se que, de facto, estas pessoas pertencentes ao grupo “Portugal” do *Goodreads* se enquadram na categoria de novos leitores.

Assumindo que a leitura é produto do formato digital (Cardoso e Cameira, 2015), verifica-se que os inquiridos aqui analisados realmente leem *online*, não apenas livros e jornais, mas também *e-mails* e publicações nas redes sociais. Ainda que se tenha percebido que as pessoas que responderam ao inquérito não leem livros de ficção em formato digital, registou-se uma grande percentagem de utilização da Internet para as mais variadas atividades.

Independentemente das atividades e interesses destas pessoas fora da comunidade virtual, todas elas foram alvo desta transformação dos hábitos de leitura, que se deve à própria alteração da sociedade para uma sociedade em rede. “O que é que nos trouxe então até este momento histórico de redefinição da leitura? Por um lado, o alargamento a cada vez mais indivíduos da utilização da Internet, por outro a disseminação de práticas de comunicação em rede em vez da comunicação de massas e, por último, a prática massificada já não apenas do ler e escrever, mas sim do ler, escrever e distribuir ou partilhar (Read/Write/Post)” (Cardoso e Cameira, 2015: 268). Este conceito de Read/Write/Post está igualmente subjacente ao objetivo da plataforma *Goodreads* que, enquanto rede social, incita à partilha de opiniões através da leitura digital (de publicações e comentários dentro da plataforma), promovendo ao mesmo tempo a experiência sociológica da leitura de livros.

“*Goodreads* turns the reader into a worker, a content producer, and in this it extends the labor of reading and networking into the crowd” (Nakamura, 2013: 7). Portanto, os comuns leitores adquirem toda uma dimensão social e comunitária com a ferramenta *Goodreads*. Além disso, “like other virtual communities, *Goodreads* has both an official terms-of-use agreement and informal community policies (...) It also features tools that let users gauge taste compatibility with other users” (*Idem*: 5).

No entanto, e infelizmente, surgiram alguns obstáculos durante este estudo, além de algumas lacunas que se podem apontar como motivo de investigações futuras. Em primeiro lugar, num universo de mais de dois mil membros pertencentes ao grupo “Portugal”, apenas se conseguiram angariar 73 respostas ao inquérito lançado. À falta de uma técnica que assegurasse um maior número de inquiridos, seria benéfico alargar a amostragem das pessoas inquiridas, de forma a obter-se a representabilidade do grupo em questão.

Seria igualmente interessante entrevistar alguns dos inquiridos de maneira a explorar certos temas aqui abordados de uma forma mais abrangente e profunda. Exemplo destes temas são a questão curiosa de a maioria dos inquiridos afirmar não ler livros de ficção na Internet,

assim como o aparente fraco envolvimento da maioria dos membros nas discussões do grupo. Outra consideração aqui sugerida é tentar perceber um pouco mais sobre os comportamentos destes membros na Internet – abordando a questão dos dispositivos utilizados para aceder ao meio (além do computador) e a respetiva frequência da utilização destes – e os seus comportamentos nas variadas redes sociais, como o que costumam publicar. Através de entrevistas poderia ainda perceber-se por que estes indivíduos não se ocupam mais regularmente em várias atividades culturais, como ir ao cinema, ir ao teatro, etc.

Em suma, espera-se que esta dissertação, ao pegar num assunto pouco abordado como a leitura aliada à rede social específica para esse efeito como é o exemplo do *Goodreads*, se constitua como um contributo válido e interessante a ter em conta no universo académico.

6. BIBLIOGRAFIA

- ACEVEDO, Manuel (2007) “Network Capital: an Expression of Social Capital in the Network Society”, in *The Journal of Community Informatics*, Vol. 3, n.º 2, pp. 1-9
- BRYMAN, Alan (2004) *Social Research Methods*, Oxford: Oxford University Press
- BUCK, Amber (2012) “Examining Digital Literacy Practices on Social Network Sites”, in *Research in the Teaching of English Volume*, 47, n.º 1, pp. 9-31
- CABRAL, Nisa Ávila do Couto Alves (2006) “Investigação por Inquérito”, *Monografias da SEIO*, Departamento de Matemática da Universidade dos Açores, pp. 1-108
- CARDOSO, Gustavo (1998) *Para uma Sociologia do Ciberespaço: Comunidades Virtuais em Português*, Oeiras: Celta Editora
- CARDOSO, Gustavo (2003) *O que é Internet*, Lisboa: Quimera
- CARDOSO, Gustavo (2006) *Os Media na Sociedade em Rede*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- CARDOSO, Gustavo (2013) “Leitura Digital, um estudo global”, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- CARDOSO, Gustavo, GANITO, Carla, FERREIRA, Cátia (2012) “Digital Reading: The Transformation of Reading Practices”, in BAPTISTA, A. A., et al. (Eds.) (2012) *Social Shaping of Digital Publishing: Exploring the Interplay Between Culture and Technology*, IOS Press, pp. 126-134
- CARDOSO, Gustavo, CAMEIRA, Emanuel (2015) “A leitura digital e o jornalismo: transformação de hábitos de leitura e transformação do jornalismo?”, in CARDOSO, Gustavo et al. (2015) *O Livro, o leitor e a leitura digital*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- CARDOSO, Gustavo, QUINTANILHA, Tiago Lima (2015) “A leitura digital no contexto global e nacional: resultados de um inquérito aos leitores digitais em 16 países”, in CARDOSO, Gustavo et al. (2015) *O Livro, o leitor e a leitura digital*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

- CARDOSO, Gustavo, LAPA, Tiago (2015) “Leitura digital, Internet e *media* sociais: uma análise comparativa”, in CARDOSO, Gustavo et al. (2015) *O Livro, o leitor e a leitura digital*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- CASTELLS, Manuel (2001) *The Internet Galaxy: Reflections on the Internet, Business and Society*, Nova Iorque: Oxford University Press
- CASTELLS, Manuel (2004), “Informationalism, Networks, and the Network Society: a Theoretical Blueprint”, in CASTELLS, Manuel (editor) (2004) *The Network Society: A Cross-cultural Perspective*, Northampton: Edward Elgar Publishing
- COLLINS, James, BLOT, Richard (2003) *Literacy and Literacies*, Nova Iorque: Cambridge University Press
- CULL, Barry W. (2011) “Reading revolutions: Online digital text and implications for reading in academe”, in *First Monday*, Peer-Reviewed Journal on the Internet
- DILLON, A. (1992) “Reading from paper versus screens: a critical review of the empirical literature”, *Ergonomics*, 35(10), 1297-1326
- FU, Feng, LIU, Lianghuan, WANG, Long (2007) “Empirical analysis of online social networks in the age of Web 2.0”, in *Physica*, n.º 387, pp. 675–684
- FURTADO, José Afonso (2000) *Os Livros e as Leituras – Novas Ecologias da Informação*, Lisboa: Livros e Leituras
- FURTADO, José Afonso (2002) “Livro e leitura no novo ambiente digital”, Enciclopédia e Hipertexto
- FURTADO, José Afonso (2007) *O Papel e o Pixel*, Lisboa: Ariadne Editora
- GHIGLIONE, Rodolphe, MATALON, Benjamin (2005) *O Inquérito – Teoria e Prática*, Oeiras: Celta Editora
- HABERMAS, Jürgen (1991) *The Structural Transformation of the Public Sphere: An Inquiry Into a Category of Bourgeois Society*, The MIT Press
- HALL, Wendy (2011) “The Ever Evolving Web: The Power of Networks”, in *International Journal of Communication*, n.º 5, pp. 651-664
- HAYTHORNTHWAITE, Caroline (2005) “Social Networks and Internet Connectivity Effects”, in *Information, Communication & Society* Vol. 8, n.º 2, Routledge
- HOLLOWAY, Immy (1997) *Basic Concepts for Qualitative Research*, Oxford: Blackwell Science
- JENKINS, Henry, PURUSHOTMA, Ravi, WEIGEL, Margaret, CLINTON, Katie, ROBISON, Alice J. (2009) *Confronting the Challenges of Participatory Culture*, Massachusetts: The MIT Press
- KRESS, Gunther (2003) *Literacy in the New Media Age*, Londres e Nova Iorque: Routledge
- LIVINGSTONE, Sonia (2003) “The changing nature and uses of media literacy”, *Media@LSE electronic working papers*, 4. Media@lse, London School of Economics and Political Science, pp. 1-31
- LOPES, Paula Cristina (2011) “Literacia(s) e literacia mediática”, in *CIES e-Working Papers*, pp. 1-37

- NAKAMURA, Lisa (2013) ““Words with Friends”: Socially Networked Reading on Goodreads”, in *PMLA Journal*, pp. 1-11
- NUNBERG, Geoffrey (Editor) (1996), *The Future of the Book*, Berkeley e Los Angeles: University of California Press
- OBENG, Raymond (2015) “An Exploration of the Case Study Methodological Approach through Research and Development”, Northeastern University, College of Professional Studies, pp. 1-13
- QUIVY, Raymond, CAMPENHOUDT, Luc Van (2005) *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva
- RAINIE, Lee, WELLMAN, Barry (2012) *Networked: the new social operating system*, Cambridge, Massachusetts: MIT Press
- STEINFELD, Charles, ELLISON, Nicole, LAMPE, Cliff e VITAK, Jessica (2012) “Online Social Network Sites and the Concept of Social Capital”, in LEE, F. L., LEUNG, L., QIU, J. S., e CHU, D. (eds.) (2012), *Frontiers in New Media Research*, Nova Iorque: Routledge, pp. 115-131
- VIEIRA, Nelson (2008) “As Literacias e o uso responsável da Internet”, in *Observatório (OBS) Journal*, n.º 5, pp. 193-209
- WELLMAN, Barry, HAYTHORNTHWAITE, Caroline (Editores), (2002) *The Internet in Everyday Life*, Oxford: Blackwell Publishers Ltd
- WELLMAN, Barry, GULIA, Milena (1999) “Net surfers don’t ride alone: virtual communities as communities” in SMITH, Marc A., KOLLOCK, Peter (Editores) (1999) *Communities in Cyberspace*, Londres e Nova Iorque: Routledge
- WRIGHT, K. B. (2005) “Researching Internet-Based Populations: Advantages and Disadvantages of Online Survey Research, Online Questionnaire Authoring Software Packages, and Web Survey Services”, in *Journal of Computer-Mediated Communication*, 10 (3)
- YIN, Robert K. (2014) *Case Study Research: Design and Methods*, California: Sage Publications

ANEXOS



Imagem 2 – Aspeto geral dos membros do grupo “Portugal” com 0 comentários feitos dentro da comunidade.



Imagem 4 – Aspeto geral de um perfil de um utilizador no *Goodreads*.



Imagem 9 – “Estante” do grupo “Portugal” no *Goodreads*.



Imagem 10 – Aspeto geral do tópico de discussão “O que estou a ler agora...”, da secção “Quadro Geral”, do grupo “Portugal” no Goodreads.



Imagem 14 – Comentários feitos dentro do grupo “Portugal” pertencentes aos utilizadores 6 e 7, por tópico de discussão.

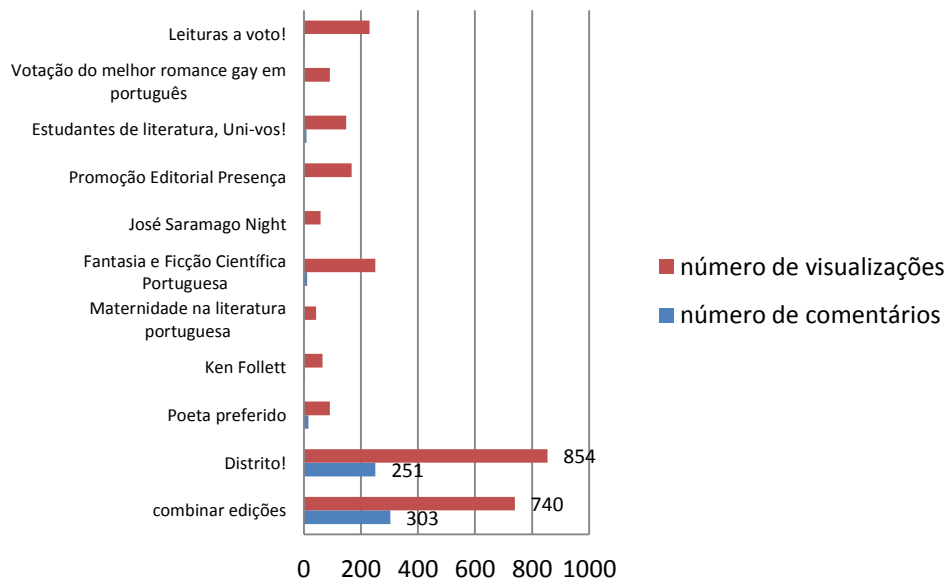


Gráfico 1 – Número de comentários e visualizações na secção “General”, por tópico de discussão.

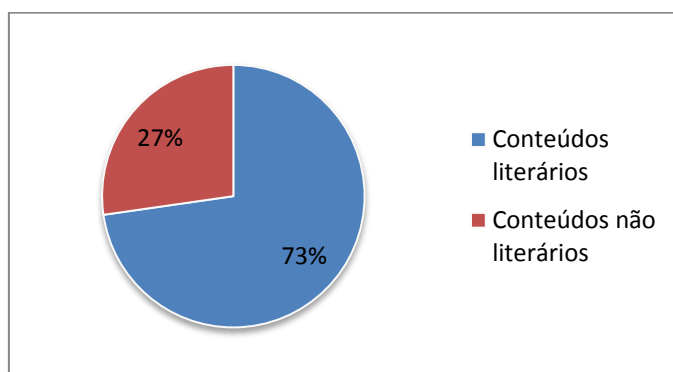


Gráfico 2 – Percentagem de tópicos de discussão na secção “General”, por tipo de conteúdos.



Gráfico 3 – Número de comentários e visualizações na secção “Quadro geral”, por tópico de discussão.

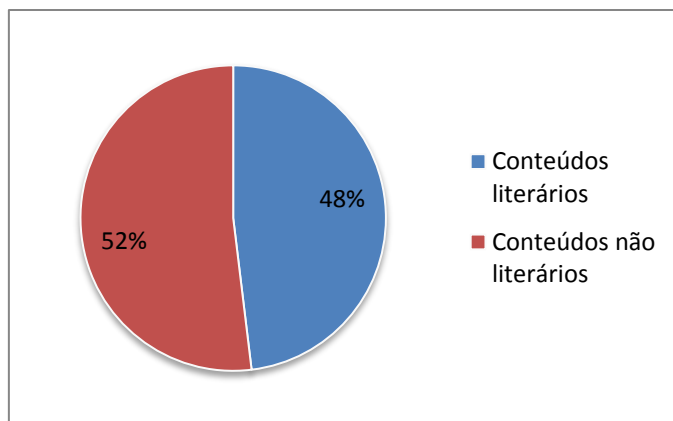


Gráfico 4 – Percentagem de tópicos de discussão na secção “Quadro geral”, por tipo de conteúdos.

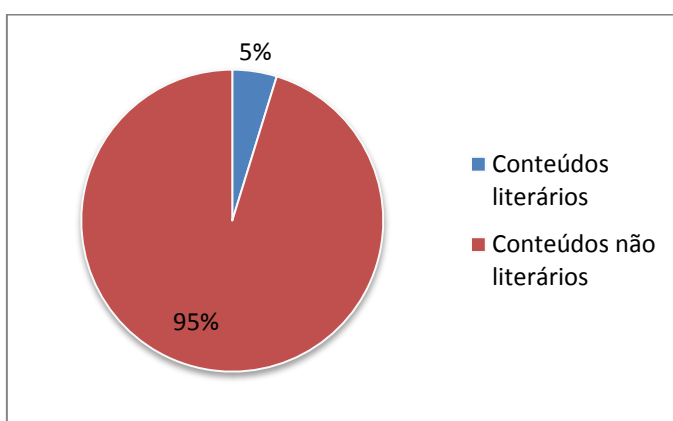


Gráfico 5 – Percentagem de tópicos de discussão na secção “Novidades/Informações”, por tipo de conteúdos.

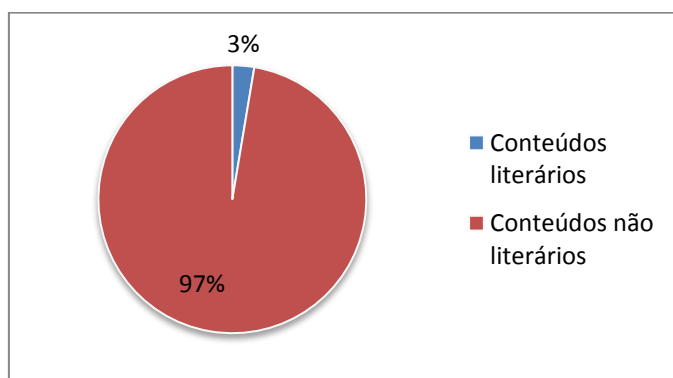


Gráfico 6 – Percentagem de tópicos de discussão na secção “Divulgação de autores”, por tipo de conteúdos.

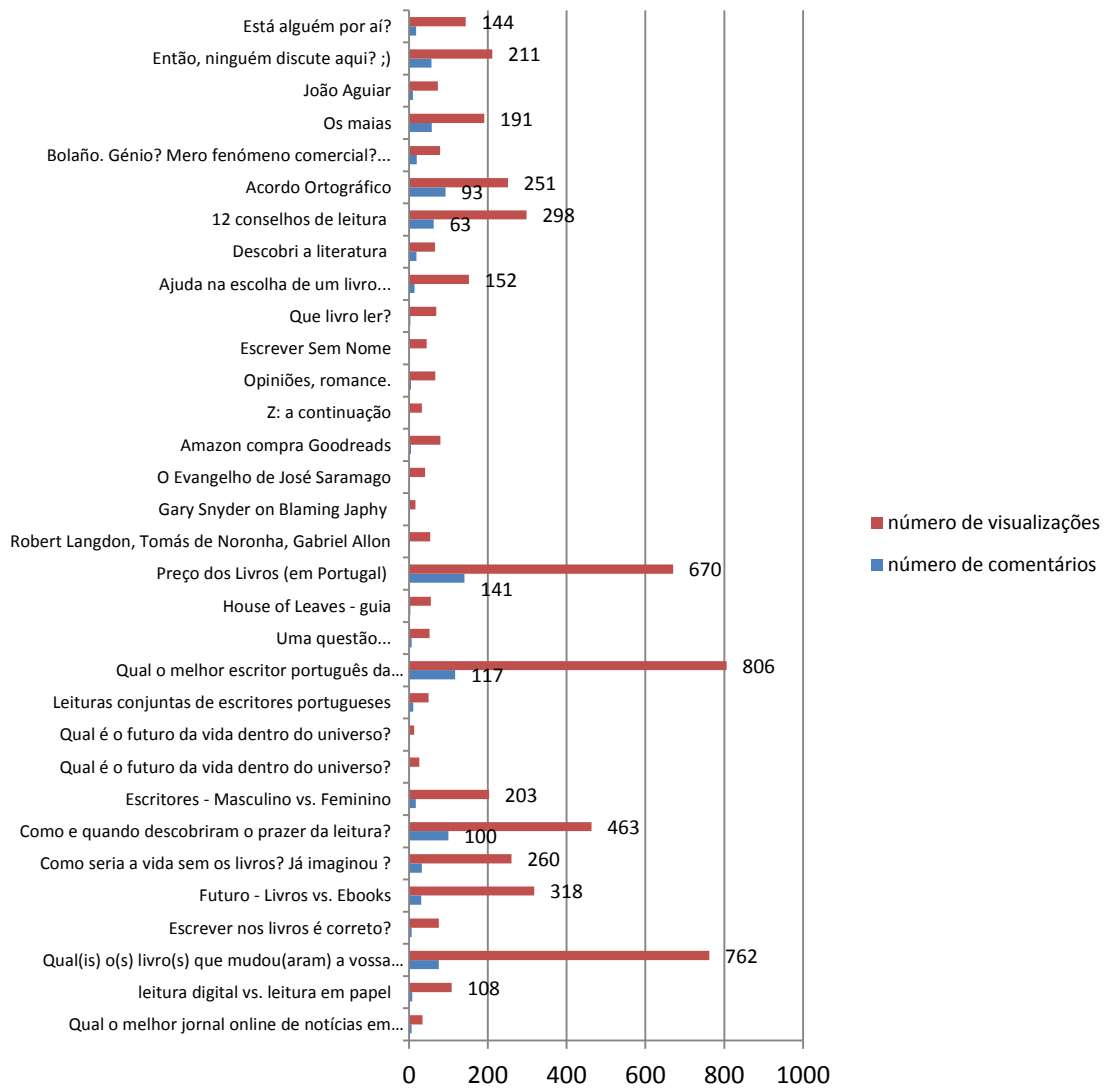


Gráfico 7 – Número de comentários e visualizações na secção “Discussões”, por tópico de discussão.

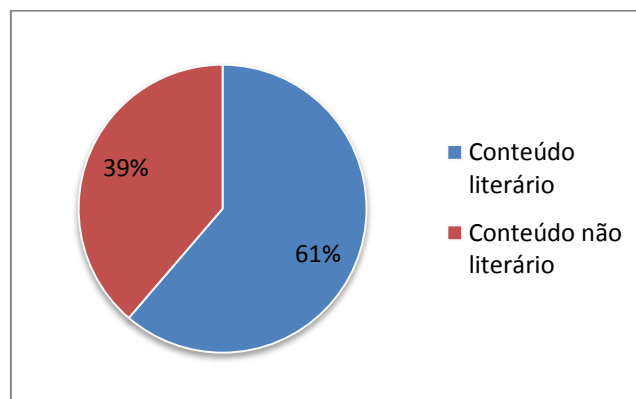


Gráfico 8 – Percentagem de tópicos de discussão na secção “Discussões”, por tipo de conteúdos.

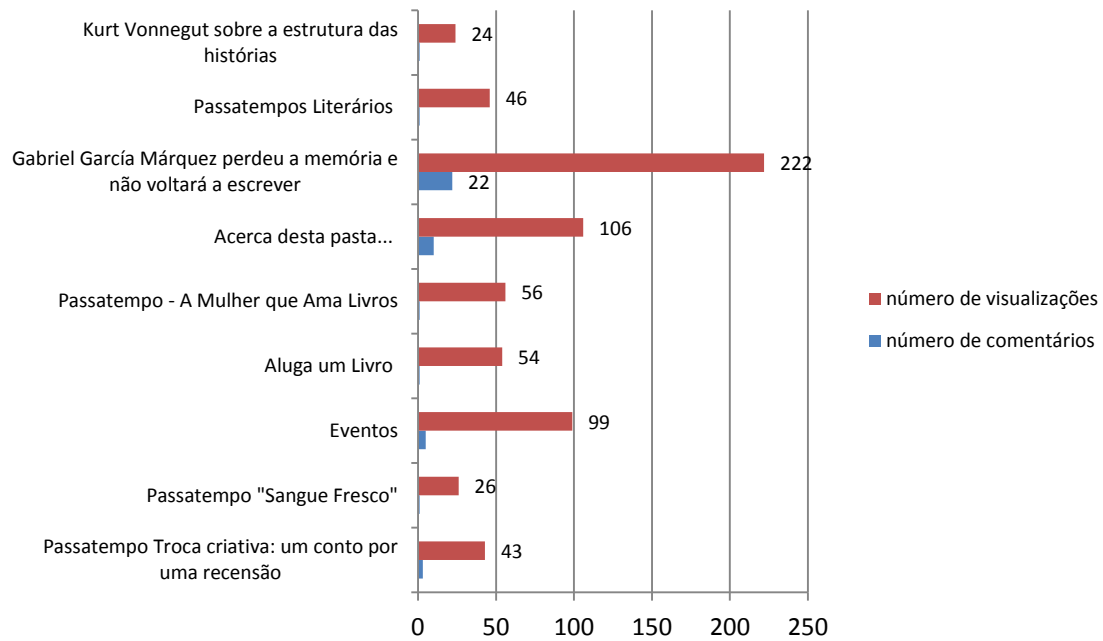


Gráfico 9 – Número de comentários e visualizações na seção “Cantinho Aleatório”, por tópico de discussão.

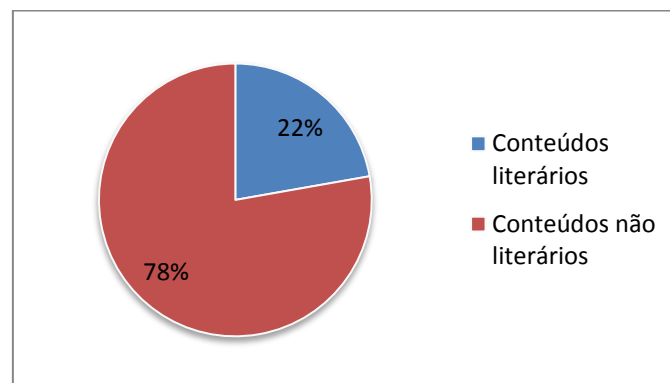


Gráfico 10 – Percentagem de tópicos de discussão na seção “Cantinho Aleatório”, por tipo de conteúdos.

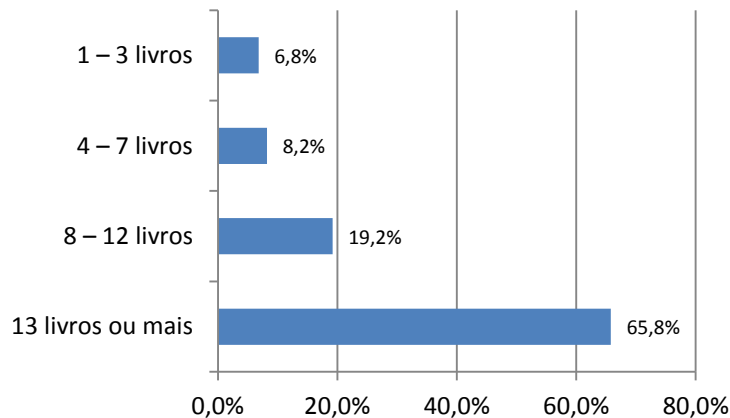


Gráfico 11 – Percentagem de indivíduos que afirmam ter lido x livros impressos nos últimos 12 meses.

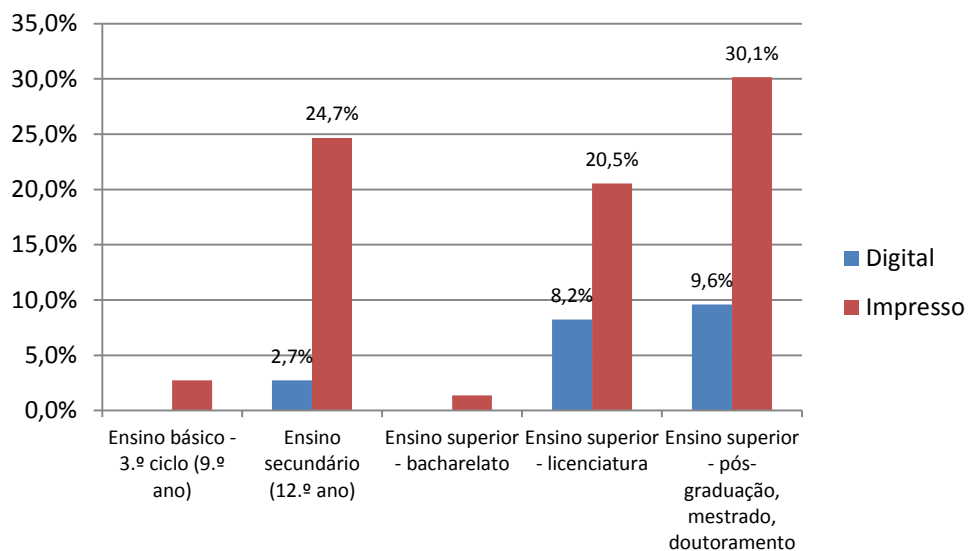


Gráfico 17 – Suporte de leitura preferido por nível de escolaridade (em percentagem).

Inquérito aos membros do grupo “Portugal” no *Goodreads*

Este questionário destina-se aos membros integrantes do grupo “Portugal”, na rede social *Goodreads*, e é aplicado no âmbito da dissertação de mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, intitulada “A experiência da leitura e participação digital dentro do grupo de leitores portugueses no *Goodreads*”.

Peço-lhe que responda com a maior sinceridade e **a todas as perguntas, sob pena de não ser contabilizado para o estudo em questão.** Este questionário é **confidencial** e as respostas serão utilizadas somente para fins analíticos.

I. Caracterização sociográfica

1. Nome:

2. Sexo:

Feminino

Masculino

3. Idade:

4. Cidade:

5. Profissão:

6. Condição perante o trabalho:

Trabalhador por conta de outrem	<input type="checkbox"/>
Trabalhador por conta própria	<input type="checkbox"/>
Estudante	<input type="checkbox"/>
Desempregado	<input type="checkbox"/>
Doméstica	<input type="checkbox"/>
Reformado/aposentado	<input type="checkbox"/>
Outra. Qual?	<input type="checkbox"/>
Não sabe/não responde	<input type="checkbox"/>

7. Qual o nível de escolaridade mais elevado que completou?

Ensino básico – 1.º ciclo	<input type="checkbox"/>
Ensino básico – 2.º ciclo (6.º ano)	<input type="checkbox"/>
Ensino básico – 3.º ciclo (9.º ano)	<input type="checkbox"/>
Ensino secundário (12.º ano)	<input type="checkbox"/>
Ensino superior – bacharelato	<input type="checkbox"/>
Ensino superior – licenciatura	<input type="checkbox"/>
Ensino superior – pós-graduação, mestrado, doutoramento	<input type="checkbox"/>

II. Hábitos e práticas de leitura

8. Considera-se um leitor assíduo?

Sim

Não

Não sabe/não responde

9. Quais as principais razões que o levam a ler? (Escolha no máximo duas opções)

Razões profissionais

Razões escolares/académicas

Prazer

- Para acompanhar os acontecimentos atuais
- Pesquisar sobre tópicos específicos de interesse

10. Qual o suporte em que lê mais?

- Impresso
- Digital

11. Com que frequência lê as seguintes publicações?

	Diariamente	1 vez por semana	1 vez por mês	Raramente	Nunca
Jornais impressos					
Jornais <i>online</i>					
Revistas impressas					
Revistas <i>online</i>					
Livros					
<i>E-books</i>					

12. Nos últimos 12 meses, aproximadamente quantos livros impressos leu?

- 1 – 3 livros
- 4 – 7 livros
- 8 – 12 livros
- 13 livros ou mais
- Não sabe/não responde

13. Quantos livros impressos lê normalmente durante um ano?

- 1 – 3 livros
- 4 – 7 livros
- 8 – 12 livros
- 13 livros ou mais
- Não sabe/não responde

14. Qual o número de livros digitais (*e-books*) que leu aproximadamente nos últimos 12 meses?

Nenhum

1 – 3 livros

4 – 7 livros

8 – 12 livros

13 livros ou mais

Não sabe/não responde

15. Assinale qual o suporte em que prefere ler nas diversas situações referidas.

	Suporte impresso	Suporte digital
Ler livros		
Ler jornais		
Ler revistas		
Ler nos transportes públicos		
Ler mais extensiva e atentamente		

III. Práticas culturais

16. Com que frequência realiza cada uma das seguintes atividades?

	1 vez por semana	1 vez por mês	Raramente	Nunca
Ir ao teatro				
Assistir a espetáculos de dança				
Ver exposições				
Ir a bibliotecas				
Ir a museus				
Visitar monumentos				
Ir a concertos de música clássica/erudita				
Ir a concertos de música popular/moderna				
Ir ao cinema				
Assistir a eventos desportivos				
Ir a festas populares				
Ir a discotecas e/ou bares				

IV. Utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC)

17. Com que frequência utiliza a Internet?

Diariamente

__ Pelo menos uma vez por semana

__ Pelo menos uma vez por mês

__ Raramente

18. Que usos faz da Internet?

	Sim	Não
Fazer compras		
Ler livros de estudo/profissionais		
Ler livros de ficção		
Fazer novos amigos		
Comunicar com amigos e familiares		
Fazer <i>downloads</i>		
Utilizar redes sociais (<i>Facebook, Twitter, Goodreads, etc.</i>)		
Acompanhar os acontecimentos atuais		
Pesquisar sobre tópicos específicos de interesse		
Pesquisas profissionais		
Pesquisas académicas		
Ler e mandar <i>e-mails</i>		

18.1. Outros. Quais? _____

V. Utilização de redes sociais

19. Indique quais as redes sociais onde mantém perfil ativo e atualizado, com a respetiva frequência de utilização.

	Diariamente ou várias vezes ao dia	1 vez por semana	Raramente	Nunca
<i>Facebook</i>				
<i>Twitter</i>				
<i>Instagram</i>				
<i>Pinterest</i>				
<i>Tumblr</i>				
<i>Goodreads</i>				
<i>Myspace</i>				
<i>LinkedIn</i>				
<i>YouTube</i>				
Google +				
Outras. Quais?				

20. Assinale o que melhor descreve o seu comportamento quando utiliza os *sites* de redes sociais.

	Essencialmente ler	Ler e comentar	Pôr “like”	Sem hábito de ler, comentar ou pôr “like”
Conteúdos literários				
Informação científica				
Informação noticiosa				
Opiniões de figuras públicas				
Petições e manifestos				
Banda desenhada ou <i>cartoons</i>				
Letras e vídeos de música				
Publicidade				
Pensamentos, histórias e experiências pessoais				
Opiniões e mensagens de amigos				
Comentários escritos por outros utilizadores				

VI. Caracterização dentro da plataforma *Goodreads*

21. Qual(is) a(s) principal(is) razão(ões) que o/a levou a aderir à rede social *Goodreads*?
(Escolha no máximo duas opções)

- Interesses literários
- Recomendações de amigos
- Por curiosidade
- Para conhecer pessoas com os mesmos interesses
- Para trocar opiniões com amigos já existentes
- Outra. Qual? _____

22. Com que frequência utiliza a plataforma *Goodreads*?

- Diariamente
- Pelo menos uma vez por semana
- Mensalmente
- Raramente
- Nunca

23. Relativamente à plataforma *Goodreads*, indique, numa escala de 0 a 5 (sendo 0 nada fácil e 5 muito fácil), qual a facilidade de manuseamento da mesma?

1 2 3 4 5

24. Indique, numa escala de 0 a 5 (sendo 0 nada fácil e 5 muito fácil), qual a facilidade de compreensão da plataforma *Goodreads*:

1 2 3 4 5

25. Numa escala de 0 a 5 (sendo 0 nada útil e 5 muito útil), indique qual a utilidade da plataforma *Goodreads*:

1 2 3 4 5

26. Quais as atividades que realiza na plataforma *Goodreads* e com que frequência?

	Diariamente ou várias vezes ao dia	1 vez por semana	Raramente	Nunca
Classificar livros				
Escrever críticas (reviews)				
Comentar a atividade dos amigos				
Recomendar livros a amigos				
Responder a <i>quizzes</i>				
Pesquisar livros				
Pesquisar grupos				
Pesquisar autores				
Participar em passatempos e <i>giveaways</i>				
Outros. Quais?				

VII. Caracterização dentro do grupo “Portugal” no *Goodreads*

27. Qual o motivo de ter aderido ao grupo “Portugal”?

Objetivo de querer pertencer a uma comunidade

Recomendações de amigos

Interesse nos conteúdos discutidos

Identificação com os membros e o objetivo do grupo

Outro. Qual? _____

28. Qual a frequência com que utiliza o grupo “Portugal”?

- Diariamente
- Pelo menos uma vez por semana
- Mensalmente
- Raramente
- Nunca

28.1. Se respondeu “nunca” ou “raramente” à pergunta anterior, indique qual o motivo de não utilizar o grupo frequentemente:

- Falta de tempo
- Falta de interesse pelos conteúdos discutidos
- Características da plataforma constituem-se como obstáculo
- Outro. Qual? _____

29. Qual a utilização que faz do grupo “Portugal”?

- Conhecer e interagir com novas pessoas
- Conhecer novos autores e novos livros
- Participar em discussões
- Divulgar conteúdos literários (notícias, curiosidades, trabalhos de autores, etc.)
- Outro. Qual? _____

30. Considera que as atividades desenvolvidas no grupo “Portugal” correspondem às expectativas da utilização do mesmo?

- Sim
- Não
- Não sei/não responde

Obrigada!